



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ANA PAULA DA MACENA SILVA

**ESCREVER-SE NA DIÁSPORA: IMIGRAÇÃO, IDENTIDADE E RAÇA EM
AMERICANAH, DE CHIMAMANDA ADICHIE**

Serra Talhada
2026

ANA PAULA DA MACENA SILVA

**ESCREVER-SE NA DIÁSPORA: IMIGRAÇÃO, IDENTIDADE E RAÇA EM
AMERICANAH, DE CHIMAMANDA ADICHIE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito obrigatório para conclusão do curso e obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Kleyton Ricardo Wanderley Pereira.

Serra Talhada
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Sistema
Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário: Gleibson José da Silva – CRB – 4 2264

S586e Silva, Ana Paula Da Macena
Escrever-se na diáspora: imigração, identidade e raça em Americanah, de
Chimamanda Adichie. / Kleyton Ricardo Wanderley Pereira. – Serra Talhada,
2026.
66 f.

Orientador (a): Kleyton Ricardo Wanderley Pereira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal
Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica Serra Talhada - UAST,
Licenciatura em Letras, Serra Talhada, PE- BR, 2026.

Inclui referências.

1. Literatura Nigeriana. 2. Pós-Colonial. 3. Diáspora. 4. Imigração. 5.
Identidade Cultural I. Pereira, Kleyton Ricardo Wanderley, orient. II. Título.

CDD 460

ANA PAULA DA MACENA SILVA

ESCREVER-SE NA DIÁSPORA: IMIGRAÇÃO, IDENTIDADE E RAÇA EM
AMERICANAH, DE CHIMAMANDA ADICHIE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito obrigatório para conclusão do curso e obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovado em: 06/02/2026

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Kleyton Ricardo Wanderley Pereira (Orientador)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profa. Dra. Andreia de Lima Andrade (Examinadora 1)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profa. Dra. Larissa de Pinho Cavalcanti (Examinador 2)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, que caminharam comigo quando meus passos ainda eram incertos e me ajudaram a trilhar caminhos que eu não saberia percorrer sozinha.

AGRADECIMENTOS

Para alcançar a “linha de chegada”, é preciso, antes de tudo, mover-se. Muitas vezes caminhamos para longe na tentativa de, em algum ponto, nos sentirmos “inteiros”, ainda que, curiosamente, pedaços de nós sejam deixados pelo caminho. No percurso, pessoas se despedem, outras resistem à distância e há aquelas que surgem no meio da travessia para nos fortalecer. Mesmo em meio a ausências, entendo que o deslocamento também é sobre permanência, da fé, do afeto e do desejo de “chegar lá”. E porque hoje chego a um trecho deste caminho que escolhi trilhar, agradeço àqueles que caminharam comigo.

À minha família, meu chão, agradeço por sustentar o caminho quando meus passos vacilaram. Ao meu pai, Paulo, pela espera paciente que sempre me ajudou a reencontrar o rumo; aos meus irmãos, Marcos e Luana, pelo incentivo constante que me impulsionou adiante. À minha mãe, Maria Neide, agradeço pelo cuidado, confiança e apoio que me permitiram seguir.

Aos meus professores, agradeço por serem bússola; pelas palavras de conhecimento, afago, exigência e incentivo que orientaram o percurso e apontaram direções, mesmo quando a dúvida insistia em me desviar. Agradeço, de modo especial, à banca examinadora deste trabalho: à profa. Andreia de Lima Andrade por lecionar com amor e nos conduzir pela literatura como quem nos faz viajar sem sair da sala de aula; à profa. Larissa de Pinho Cavalcanti, a quem admiro por desafiar nossos limites e por me mostrar que, mesmo diante do que para mim parece difícil, sou capaz de ir além do que imaginava; e ao prof. Kleyton Ricardo Wanderley Pereira, por me apresentar a literatura nigeriana e, junto a ela, talvez, o meu “lugar” no curso de Letras.

Nem todo trajeto se faz a sós, em meio à ele, as amizades são como faróis que, apesar de não afastaram a escuridão que nos deixa perdidos na estrada, tornam possível atravessá-la. À minha melhor amiga, Daniela, agradeço por ser presença constante; por me buscar quando eu chegava tarde da faculdade, por me amparar nas horas difíceis e por fazer das conversas longas um momento de mais pura alegria. Sua amizade é um presente. Agradeço também a Giovanna Tainara por dividir tantos momentos da vida universitária, sua companhia tornou o processo mais leve. E para aquelas que estiveram comigo dividindo os lanches, os trabalhos, os estresses e as risadas de todas as aulas: muito obrigada por tornarem tudo mais prazeroso, Beatriz, Cássia e Ilana.

Agradeço a coordenação da Residência Estudantil por possibilitar que a UAST se tornasse, para além de um local de produção de conhecimento, o meu lar. E aos amigos que

fiz na Residência, agradeço por cada noite de conversa e pelos almoços partilhados que representavam cuidado. “Na ausência da minha família, vocês foram a minha família”. Deixo um agradecimento especial àquelas com quem dividi o quarto, os segredos, as inseguranças e a alegria de cada conquista: Taciana, Vanessa, Rackel e Adélia, vocês foram essenciais!

Este trabalho carrega, em suas entrelinhas, a presença de todos que direta ou indiretamente o tornaram possível.

Escolher escrever é rejeitar o silêncio.
(Chimamanda Ngozi Adichie)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o romance *Americanah* (2013) de Chimamanda Ngozi Adichie a partir das categorias da diáspora, identidade cultural e escritas de si, articuladas à perspectiva do feminismo negro e da interseccionalidade. Busca-se investigar de que maneira a experiência migratória de Ifemelu é permeada por opressões de gênero, raça e classe, bem como compreender o *blog Raceteenth* como uma forma moderna de escritas de si e enfrentamento do silenciamento histórico imposto às mulheres negras. Para aprofundar a análise, adota-se uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, fundamentada em uma revisão bibliográfica acerca dos temas analisados neste trabalho. As discussões acerca da imigração, diáspora e identidade cultural apoiam-se, sobretudo, nos estudos de Bhabha (1994), Sayad (1998) e Hall (2003). Para analisar as relações entre gênero, raça e classe, dialogamos com a noção de interseccionalidade a partir das formulações de Crenshaw (1989), Akotirene (2019) e bell hooks (2020). As reflexões sobre escrita de si fundamentam-se nas contribuições de Foucault (1992) e Arfuch (2010). Desse modo, o foco da pesquisa recai sobre a trajetória da protagonista Ifemelu e sobre as percepções construídas a partir de sua vivência na diáspora. Os resultados apontam a contribuição das escritas de si por permitirem à mulher negra expor as opressões que, de forma interseccional, impactam a construção de sua identidade. Desse modo, o que a presença do *blog Raceteenth* imprime em nossas percepções é que as mulheres negras, ao narrarem a si, podem deslocar-se da condição de objeto para a de sujeito da narrativa.

Palavras-chave: Literatura nigeriana; Pós-colonial; Diáspora; Imigração; Identidade cultural.

ABSTRACT

This study aims to analyze the novel *Americanah* (2013), by Chimamanda Ngozi Adichie, through the categories of diaspora, cultural identity, and writings of the self, articulated with the perspectives of Black feminism and intersectionality. The research seeks to investigate how Ifemelu's migratory experience is permeated by gender, race, and class oppressions, as well as to understand the blog *Raceteenth* as a contemporary form of self-writing and a means of confronting the historical silencing imposed on Black women. To deepen the analysis, a qualitative and exploratory approach is adopted, grounded in a bibliographical review of the themes addressed in this study. Discussions on immigration, diaspora, and cultural identity are mainly based on the works of Bhabha (1994), Sayad (1998), and Hall (2003). The analysis of the relations between gender, race, and class is developed through the concept of intersectionality, drawing on the formulations of Crenshaw (1989), Akotirene (2019), and bell hooks (2020). Reflections on self-writing are grounded in the contributions of Foucault (1992) and Arfuch (2010). Thus, the focus of the research lies on the trajectory of the protagonist Ifemelu and on the perceptions constructed from her experience in the diaspora. The results indicate the contribution of self-writings in enabling Black women to expose the oppressions that, in an intersectional manner, shape the construction of their identities. In this sense, the presence of the blog *Raceteenth* suggests that Black women, by narrating themselves, may shift from the condition of object to that of subject within the narrative.

Keywords: Nigerian literature; Post-colonial; Diaspora; Immigration; Cultural identity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. PERCURSO TEÓRICO	14
2.1 LITERATURAS PÓS-COLONIAIS DE LÍNGUA INGLESA	14
2.2 IMIGRAÇÃO E DIÁSPORA NAS LITERATURAS PÓS-COLONIAIS	15
2.3 INTERSECCIONALIDADE	18
2.4 ESCRITAS DE SI	24
3. AMERICANAH: SUBVERSÃO DA HISTÓRIA ÚNICA NA LITERATURA FEMININA NIGERIANA.....	27
3.1 LITERATURA NIGERIANA DE AUTORIA FEMININA	27
3.2 O LUGAR DE CHIMAMANDA NA LITERATURA NIGERIANA.....	32
3.3 O PERCURSO LITERÁRIO DE CHIMAMANDA.....	34
4. AMERICANAH: UMA LEITURA CRÍTICA	38
4.1 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE IMIGRANTE EM AMERICANAH.....	38
4.2 RAÇA, GÊNERO E CLASSE EM AMERICANAH.....	45
4.3 O BLOG COMO ESCRITA DE SI: GÊNERO CONFSSIONAL.....	52
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS.....	61

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir de inquietações construídas ao longo das aulas de Literaturas de Língua Inglesa, no curso de Licenciatura em Letras da UFRPE/UAST, espaço no qual se deu o primeiro contato com o romance *Americanah* (2013), de Chimamanda Ngozi Adichie, bem como com o debate acerca da literatura nigeriana, da diáspora e das representações da mulher negra em narrativas contemporâneas. A leitura de obras produzidas no contexto pós-colonial e a apresentação de uma análise da obra *Americanah* na disciplina supracitada, despertaram reflexões sobre como experiências históricas de dominação e silenciamento continuam a perpassar a representação dos sujeitos negros na literatura. A partir daí, surgiu o interesse crescente pela escrita de Chimamanda e a formulação de questões que deram início a este estudo.

Ao longo da pesquisa, identificou-se que o romance aborda heranças históricas do colonialismo europeu, cuja duração se estendeu por vários séculos e atingiu grande parte da população mundial, para além de um sistema de dominação política e econômica, foi um projeto epistemológico responsável pela produção de silenciamentos e hierarquizações culturais duradouras. Nesse contexto, a literatura oferece uma das mais importantes formas de registro das experiências e percepções dos povos colonizados (Ashcroft, et al., 2002), por ser um arquivo sensível das percepções históricas produzidas no período imperial. Com os processos de independência africana, intensificados a partir da segunda metade do século XX, emerge uma produção literária comprometida em descrever a experiência do colonizado a partir da perspectiva de quem a vivenciou.

Com as lutas pela independência das colônias, os sujeitos colonizados passaram a recusar a imitação de paradigmas impostos pela metrópole. Com isso, os escritores africanos passam a enfatizar suas realidades culturais a partir da linguagem, da memória e das diferentes formas possíveis de representação do sujeito. No caso da literatura nigeriana, as obras interrogam heranças coloniais e reescrevem experiências silenciadas e, com isso, constroem modos próprios de narrar o mundo.

Inserido nesse panorama, o romance *Americanah*, apresenta-se como uma narrativa influente para a compreensão das dinâmicas da diáspora africana. A obra acompanha a trajetória de Ifemelu, jovem nigeriana que imigra para os Estados Unidos, onde vivencia um processo de racialização até então inexistente em seu país de origem. A partir dessa experiência, a personagem passa a refletir criticamente sobre os padrões culturais, as questões raciais e as desigualdades estruturais que organizam a sociedade estadunidense, ao mesmo tempo que

revisita sob novos olhares sua relação com a Nigéria. Desse modo, *Americanah* aborda a maneira pela qual a imigração pode redefinir a forma como o sujeito se percebe e é percebido.

Um dos elementos centrais do romance é o *blog Raceteenth: Observations on Race by a Non-American Black*, espaço no qual Ifemelu escreve sobre suas vivências enquanto mulher negra e imigrante nos Estados Unidos. Por meio desse recurso narrativo, a personagem publica textos pelos quais produz sentidos sobre si e se autorrepresenta através da linguagem, além de ser um instrumento de crítica e comentário social aos problemas da questão racial nos Estados Unidos da América. Nesse sentido, a escrita assume um papel fundamental na construção identitária da protagonista.

Partindo dessas reflexões, este trabalho tem como objetivo analisar o romance *Americanah* a partir das categorias da diáspora, identidade cultural e escritas de si, articuladas à perspectiva do feminismo negro e da interseccionalidade. Busca-se investigar de que maneira a experiência migratória de Ifemelu é permeada por opressões de gênero, raça e classe, bem como compreender o *blog Raceteenth* como uma forma moderna de escritas de si e enfrentamento do silenciamento histórico imposto às mulheres negras.

A relevância deste estudo justifica-se pela contribuição que a obra de Chimamanda oferece aos debates sobre a escrita pós-colonial, no que concerne à visibilidade das vozes femininas na literatura e a forma de narrar a experiência negra na diáspora. Utilizando aportes dos estudos pós-coloniais, do feminismo negro e das escritas de si, esta pesquisa pretende ampliar as possibilidades de leitura de *Americanah* e pôr em evidência o caráter crítico e social da literatura.

Para aprofundar a análise, adota-se uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, fundamentada em uma revisão bibliográfica acerca dos temas analisados neste trabalho. As discussões acerca da imigração, diáspora e identidade cultural apoiam-se, sobretudo, nos estudos de Bhabha (1994), Sayad (1998) e Hall (2003). Para analisar as relações entre gênero, raça e classe, dialogamos com a noção de interseccionalidade a partir das formulações de Crenshaw (1989), Akotirene (2019) e bell hooks (2020). As reflexões sobre escrita de si fundamentam-se nas contribuições de Foucault (1992) e Arfuch (2010). Ressalta-se, ainda, que este estudo ancora-se em perspectivas pós-coloniais que defendem a descolonização dos saberes fundamentando-se dentre outros autores, nas contribuições críticas e reflexões de Bonnici (1998).

Assim, as discussões serão delineadas a partir de três capítulos: no Capítulo 1, apresenta-se o referencial teórico que fundamenta a análise realizada neste trabalho. No capítulo

2, discute-se a literatura nigeriana de autoria feminina, situando Chimamanda Ngozi Adichie nesse contexto, bem como seu percurso literário e sua relevância no cenário literário nacional. Por fim, no terceiro Capítulo, realiza-se a análise da obra *Americanah*, contemplando a construção da identidade imigrante, a interseccionalidade entre raça, gênero e classe, bem como o *blog* enquanto forma moderna de escrita de si em diálogo com as teorias abordadas e os objetivos definidos nesta introdução.

2. PERCURSO TEÓRICO

Esta seção reúne os principais conceitos e referenciais teóricos que fundamentam a análise proposta, articulando estudos pós-coloniais, imigração e diáspora, interseccionalidade e escritas de si, os quais orientam a leitura crítica do romance *Americanah*.

2.1 LITERATURAS PÓS-COLONIAIS DE LÍNGUA INGLESA

A noção de pós-colonialidade envolve reflexões sobre o lugar do pensamento crítico e da produção cultural após o fim do período colonial. Pensadores como o filósofo ganês Kwame Anthony Appiah (1991) chamam atenção para o fato de que, muitas vezes, o debate teórico sobre essa discussão parte de um grupo restrito de intelectuais formados em instituições ocidentais, o que acaba por reproduzir, ainda que de modo sutil, uma assimetria na circulação do saber, na qual determinadas perspectivas continuam a ganhar maior legitimidade que outras. Essa constatação leva a questionamentos importantes, como os levantados por Radhakrishnan (1996), que alerta para os riscos de uma teorização da pós-colonialidade conduzida exclusivamente por perspectivas metropolitanas, que tendem a universalizar experiências singulares e a reduzir as dinâmicas particulares que estruturam cada lugar em explicações que são, sobretudo, culturais. Para o autor, a pós-colonialidade envolve tensões e negociações nas quais diferentes histórias e desigualdades se tornam visíveis em relação umas às outras.

Sob essa ótica, Jeyifo (1991) afirma que essa condição se manifesta de modos distintos: ora por meio de discursos normativos que buscam reafirmar tradições culturais anteriores à colonização, ora em formas mais abertas e híbridas, que reconhecem a fluidez, a ambivalência e o deslocamento como elementos inerentes à experiência. Apesar de não haver um consenso sobre o termo “pós-colonialismo”, Ashcroft et al. (1991) utilizam-no para tratar das culturas que receberam influência do processo imperial, desde o início da colonização, até a atualidade. Atualmente, a crítica pós-colonial direciona seu foco para a compreensão do colonialismo e as suas interferências, constituindo-se, assim, como uma abordagem que envolve, segundo Parry (1987 *apud* Bonnici, 1998, p. 9-10):

um constante questionamento sobre as relações entre a cultura e o imperialismo para a compreensão da política e da cultura na era da descolonização; o auto-questionamento do crítico, porque solapa as próprias estruturas do saber, ou seja, a teoria literária, a antropologia, a geografia eurocêntricas; engajamento do crítico, porque sua preocupação deve girar em torno da criação de um contexto favorável aos marginalizados e aos oprimidos, para a recuperação da história, da voz e para a abertura das discussões acadêmicas para todos; uma desconfiança sobre a possível institucionalização da disciplina e a apropriação da mesma pela crítica ocidental, neutralizando a sua mensagem de resistência.

Nesse sentido, pensar o pós-colonialismo implica questionar quem escreve e de que lugar essa escrita se produz. No entanto, como o propósito deste trabalho não é esgotar a discussão, utilizaremos a definição de Bonnici para a literatura pós-colonial, descrita por ele como “toda a produção literária dos povos colonizados pelas potências europeias entre o século XV e XX” (1998, p. 9). A literatura pós-colonial, portanto, nasce do colonizado e, conseqüentemente, expressa as marcas históricas, culturais e identitárias deixadas pelo processo de colonização.

Considerando que, durante o período colonial, a produção literária nas colônias era estritamente controlada pelas instâncias de poder, qualquer texto que fugisse da perspectiva eurocêntrica sofria restrições em sua circulação e publicação. Por essa razão, as obras literárias pertencentes às literaturas coloniais, por muito tempo replicaram modelos europeus e, com isso, perpetuavam a visão eurocêntrica estrategicamente imposta às sociedades.

Sob essa perspectiva, Bonnici descreve a apropriação do idioma europeu pelo sujeito colonizado como parte da emergência das literaturas pós-coloniais. Para o autor, “o mergulho à nau naufragada reproduz a volta às profundezas da história para que o sujeito pós-colonial representado na literatura recupere a voz e assim possa narrar e anunciar as suas experiências como o Outro” (Bonnici, 2000, p. 26). Esse mergulho, para além de um retorno, pode representar um processo de reapropriação capaz de recolher os fios de memória outrora silenciados e reescrevê-los na língua que antes serviu à imposição colonial.

Nesse processo de “reescrita”, a literatura pós-colonial mobiliza, em grande medida, a memória e a língua como instrumentos de reconfiguração do eu em meio à dispersão causada pelo colonialismo. Esse movimento abre caminhos para o aprofundamento de dois temas que serão analisados ao longo deste trabalho: a diáspora e a imigração.

2.2 IMIGRAÇÃO E DIÁSPORA NAS LITERATURAS PÓS-COLONIAIS

A imigração coloca os indivíduos em trânsito por inúmeras razões, levando-os a deixar sua terra de origem e se inserirem, voluntária ou involuntariamente, em novos contextos. Sobre essa condição, Sayad (1998) observa a experiência migratória como algo transitório que carrega consigo a promessa de resolução futura:

Só se aceita emigrar e, como uma coisa leva à outra, só se aceita viver em terra estrangeira num país estrangeiro (i. e., imigrar), com a condição de se convencer de que isso não passa de uma provação, passageira por definição, uma provação que comporta em si mesma sua própria resolução (Sayad, 1998, p.57).

Desse modo, o imigrante encontra-se em um estado de busca, como se estivesse a caminho de uma “terra prometida”. Essa condição faz com que ele habite simultaneamente dois espaços: o país de chegada, no qual busca se afirmar, e o país de origem, que permanece como referência afetiva e imaginada. Essa dualidade resulta em uma experiência interferida pela incompletude e pela necessidade constante de “negociar” modos de existir entre fronteiras.

A partir dessa discussão sobre a experiência migratória ¹na contemporaneidade, a diáspora pode ser compreendida como um processo ainda mais amplo que, como consequência direta da violência colonial, representa a fragmentação e a dispersão de povos que mantiveram uma relação afetiva e simbólica com a terra de origem, apesar da distância. Stuart Hall (2003, p. 28) questiona as tensões ocasionadas pela condição diaspórica:

[...] o que a experiência da diáspora causa a nossos modelos de identidade cultural? Como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora? Já que "a identidade cultural" carrega consigo tantos traços de unidade essencial, unicidade primordial, indivisibilidade e mesmice, como devemos "pensar" as identidades inscritas nas Relações de poder, construídas pela diferença, e disjuntura? (Hall, 2003, p. 28)

Essas são questões que surgem do rompimento entre sujeito e território, e a partir delas Hall ressalta que as crenças estabelecidas sobre identidade cultural se apoiam em um mito de que a mesma seria imutável, fixada no nascimento e ligada por um cordão umbilical que uniria passado, presente e futuro. Por isso, tais concepções não são capazes de explicar a experiência diaspórica. Para o crítico jamaicano, a experiência diaspórica não pode ser pensada de tal forma, pois dizem respeito, irrevogavelmente, a uma questão histórica (Hall, 2003).

Em virtude disso, os inúmeros esforços empreendidos ao longo dos anos de unir ao presente essas “rotas fragmentadas” prepararam o terreno histórico necessário para conferir a matriz interpretativa e as auto-imagens da cultura, ou, em suas palavras, “para tornar o invisível visível” (Hall, 2003, p. 42).

Nesse contexto, as contribuições de Homi Bhabha (1998) em *O local da Cultura*, norteiam a compreensão acerca dos processos culturais que são acionados pela diáspora. Para o autor, o conceito de “entre-lugar” caracteriza a condição dos sujeitos na diáspora:

¹ Neste trabalho, **imigração** é compreendida como o deslocamento de indivíduos que deixam seu país de origem para se estabelecer, de forma temporária ou permanente, em outro território, processo que envolve não apenas a travessia de fronteiras geográficas, mas também a reconfiguração de vínculos sociais, culturais e identitários. Já a **diáspora**, no âmbito dos estudos pós-coloniais, refere-se a uma condição histórica e cultural marcada pela dispersão de sujeitos que, mesmo vivendo fora de sua terra de origem, mantêm laços simbólicos e afetivos com ela, construindo identidades múltiplas e híbridas (Hall, 2003; Bhabha, 1998). A experiência de Ifemelu em *Americanah* é entendida como diaspórica porque, ao viver nos Estados Unidos, a personagem negocia continuamente sua identidade entre a Nigéria e o contexto racial e cultural norte-americano, vivenciando deslocamentos que ultrapassam a migração física e incidem diretamente sobre sua percepção de raça, pertencimento e subjetividade.

Esses 'entre-lugares' fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singulares ou coletivas – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (Bhabha, 1998, p. 20).

No “terceiro espaço” ou entre-lugares, a produção de novos signos de identidade resulta em formas de subjetivação compostas pela ambivalência. Em tal processo, a diferença é resultado de relações históricas, sociais e culturais que estão sempre em transformação. Como explica o autor supracitado, as identidades formadas nesse terreno liminar são híbridas, pois surgem de tensões e contatos que reconfiguram tanto as heranças culturais quanto os modos de narrar o passado.

Nesse viés, a teoria pós-colonial proposta por Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016, p. 19) compreende “[...] a fronteira ou o entre-lugar como espaço que rompe com os binarismos, isto é, onde se percebe os limites das ideias que pressupõem essências pré-estabelecidas e fixas”. Sendo assim, o entre-lugar constitui o espaço pelo qual podemos compreender a condição diaspórica como um processo onde os sujeitos se reinventam.

Diante das teorizações aqui expostas, temas como diáspora e imigração apresentam-se nas literaturas pós-coloniais a partir de experiências que evidenciam a maneira como os deslocamentos podem colocar os sujeitos diante de sistemas de valores e choques culturais muitas vezes conflitantes. Nesses textos, o “movimento entre territórios” produz tensões identitárias, sentimentos de desenraizamento e negociações constantes entre pertencimento e estranhamento, que moldam a vida dos personagens.

Para o crítico Edward Said (1993, p. 61) “a apropriação da história, a historicização do passado, a narrativização da sociedade [...] incluem a acumulação e a diferenciação do espaço social, espaço a ser utilizado para fins sociais”. Por isso, existe um amplo conjunto de produções literárias e teóricas que propõe novos sentidos ao reivindicar diálogo direto e em condições de igualdade. Entre esses autores, ressaltam-se nomes como Salman Rushdie, Derek Walcott, J. M. Coetzee, Jean Rhys e Chinua Achebe, que leram criticamente narrativas canônicas do Ocidente e produziram obras capazes de contrapô-las.

Em momentos mais recentes da literatura pós-colonial, a escritora nigeriana Chimamanda Adichie demonstra como a experiência migratória carrega consigo essas camadas históricas. Em sua obra *Americanah* (2013), os personagens Ginika, Ifemelu e Tia Uju que imigram para os Estados Unidos e Obinze, que imigra para a Inglaterra, quando encontram-se na diáspora, observam a si mesmos a partir de diferentes lugares. Longe da terra de origem, os sujeitos passam a enxergar tanto a Nigéria, quanto os Estados Unidos e a Inglaterra através de diferentes olhares que lhes permitem identificar desigualdades raciais e hierarquias linguísticas que antes lhes pareciam naturais. A protagonista do romance, Ifemelu, vive nos Estados Unidos o processo de racialização que não experimentava em seu país, o que auxilia na percepção de como a vida na diáspora é reorganizada a partir de novas referências pelas quais os indivíduos passam a interpretar a sua trajetória.

Desse modo, analisar *Americanah* sob a perspectiva pós-colonial, permite compreender como raça, história e deslocamento se entrecruzam na experiência migratória da protagonista Ifemelu. Além disso, é possível reconhecer também que tais processos não se dissociam das questões de gênero, pois, segundo Bonnici (1998, p. 13) “há uma estreita relação entre os estudos pós-coloniais e o feminismo”, visto que ambos buscam reinserir a mulher marginalizada na sociedade:

De modo semelhante ao que aconteceu nas reflexões do discurso pós-colonial, no primeiro período do discurso feminista, a preocupação consistia na substituição das estruturas de dominação. Esta posição simplista evoluiu para um questionamento sobre as formas e modos literários e o desmascaramento dos fundamentos masculinos do cânone. Nestes debates, o feminismo trouxe à luz muitas questões que o pós-colonialismo havia deixado obscuras; outrossim, o pós-colonialismo ajudou o feminismo a precaver-se de pressupostos ocidentais do discurso feminista. (Bonnici, 1998, p. 13).

No entorno dessa discussão, compreende-se a condição das mulheres negras como marcada por opressões que resultaram na objetificação da mulher por subalternização de raça e classe, bem como pela idealização feminina difundida pelos contos de fadas europeus. Nesse sentido, o romance *Americanah* aborda essa dialética, pois torna visíveis as camadas de opressão e mobiliza aquilo que Bonnici (1998) define como a estratégia mais eficaz de descolonização feminina: o uso da linguagem e da experimentação linguística.

2.3 INTERSECCIONALIDADE

Em 1851, Sojourner Truth realizou um discurso na *Women's Rights Convention* em Akron, Ohio, no qual denunciou múltiplas formas de opressão presentes no tratamento direcionado às mulheres negras, que expuseram como a dupla condição de oprimida tornava sua luta ainda mais árdua:

Bem, crianças, onde há muita algazarra deve ter alguma coisa que não está certa. Penso que entre as negras do Sul e as mulheres do norte todas estão falando sobre direitos, os homens brancos logo, logo vão ter problemas. Mas sobre o que isso tudo aqui está falando? Que o homem lá fala que as mulheres precisam de ajuda para subir na carruagem, para passar sobre valas e para ter os melhores lugares [...] e eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! [...] Eu lavei e plantei e juntei os grãos no celeiro, e nenhum homem conseguia passar na minha frente – e eu não sou uma mulher? Eu conseguia trabalhar tanto quanto qualquer homem (quando conseguia trabalho), e aguentar o chicote também – e eu não sou uma mulher? Pari cinco crianças e vi a maioria delas ser vendida para a escravidão, e quando chorei meu luto de mãe, ninguém além de Jesus me ouviu – e não sou uma mulher? (Truth, 1851 *apud* hooks, 2020, p. 253)

O posicionamento da autora explicava algo que ainda não era enxergado: a mulher negra não era considerada mulher, a menos que isso significasse ser explorada como uma. Essa suposta “proteção” atribuída aos homens em relação às mulheres de “subir na carruagem, passar sobre valas e para ter os melhores lugares”, obedecia a um critério racial e destinava-se às mulheres brancas, associadas à delicadeza, fragilidade e sensibilidade. Às mulheres negras, por outro lado, restava a exploração. Com isso, Truth já assinalava um dos marcos iniciais do pensamento feminista negro e, junto a ele, a perspectiva da intersecção de opressões.

Décadas mais tarde, essa reflexão seria conceitualmente desenvolvida por Kimberlé Crenshaw, a partir do termo “interseccionalidade”. O conceito foi cunhado pela jurista e estudiosa afro-americana no campo da teoria crítica de raça, enquanto ferramenta teórica que possibilitou analisar as limitações presentes nas leis antidiscriminatórias que desconsideravam as múltiplas formas de opressão que atingem as mulheres negras na sociedade. No artigo *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*, Crenshaw (1989) examina três casos judiciais envolvendo mulheres negras: *DeGraffenreid v. General Motors*, *Moore v. Hughes Helicopter* e *Payne v. Travenol*. A análise desses casos aponta os limites e dificuldades do sistema jurídico, uma vez que os tribunais, em sua maioria, demonstraram-se incapazes de lidar com a interseccionalidade:

Esta aparente contradição é apenas mais uma manifestação das limitações conceituais das análises de questões únicas que a interseccionalidade desafia. O ponto é que mulheres negras podem sofrer discriminação de várias maneiras e que a contradição surge de nossas suposições de que suas reivindicações de exclusão devem ser unidimensionais. Considere uma analogia com o tráfego em um cruzamento, vindo e indo em todas as quatro direções. A discriminação, assim como o tráfego em um cruzamento, pode fluir em uma direção e pode fluir em outra. Se um acidente acontecer em um cruzamento, ele pode ser causado por carros vindo de várias direções e, às vezes, de todas elas. Da mesma forma, se uma mulher negra é prejudicada por estar no cruzamento, sua lesão pode resultar de discriminação de gênero ou discriminação racial (Crenshaw, 1989, p. 149, tradução nossa¹).

Nesse sentido, a experiência de uma mulher negra ultrapassa aquilo que as categorias do discurso discriminatório podem abarcar. Isso porque, ao mesmo tempo em que vivenciam o

¹ Texto original: This apparent contradiction is but another manifestation of the conceptual limitations of the single-issue analyses that inter sectionality challenges. The point is that Black women can experience discrimination in any number of ways and that the contradiction arises from our assumptions that their claims of exclusion must be unidirectional. Consider an analogy to traffic in an inter section, coming and going in all four directions. Discrimination, like traffic through an intersection, may flow in one direction, and it may flow in another. If an accident happens in an intersection, it can be caused by cars traveling from any number of directions and, sometimes, from all of them. Similarly, if a Black woman is harmed because she is in the intersection, her injury could result from sex discrimination or race discrimination.

duplo preconceito (racial e de gênero), vivenciam, também, formas específicas de opressão que não podem ser reduzidas à soma dessas categorias, mas dizem respeito a sua condição enquanto mulheres negras (Crenshaw, 1998). Por isso, restringir suas necessidades a análises categóricas dificulta a compreensão de suas experiências e, conseqüentemente, impede que suas necessidades sejam completamente atendidas.

Outro ponto relevante destacado por Crenshaw é a crença, presente em parte da teoria feminista, de que o racismo ou o sexismo podem ser debatidos de maneira eficaz sem considerar as singularidades das pessoas que não são privilegiadas por classe, gênero ou raça. Segundo a autora:

Como resultado, tanto a teoria feminista quanto a política antirracista foram organizadas, em parte, em torno da equação do racismo com o que acontece à classe média negra ou aos homens negros, e da equação do sexismo com o que acontece às mulheres brancas (Crenshaw, 1989, p. 152, tradução nossa²).

Nas palavras da autora, à medida que a teoria feminista busca retratar as experiências das mulheres considerando o patriarcado ou a sexualidade, o “papel” da raça, nesse contexto, é ignorado. Quando a teoria feminista deixa de considerar que a questão racial pode privilegiar determinadas mulheres e subalternizar outras, – suavizando, em alguns casos, e intensificando, em outros, os efeitos do sexismo – ela permanece branca e sua potencialidade de abarcar mulheres não privilegiadas segue inutilizada. A esse respeito, bell hooks (2020, p. 34) afirma que “a maioria das feministas partiam do pressuposto de que os problemas que mulheres negras encaravam eram causados por racismo, não sexismo”.

Além disso, no livro *E eu não sou uma mulher*, bell hooks (2020) reflete sobre a desvalorização sistemática da mulheridade negra, destacando que esta “não foi uma simples consequência do ódio racial, foi um método calculado de controle social” (p. 104). A partir dessa afirmação, reflete-se que tal desvalorização tinha por objetivo manter a mulher negra na base da pirâmide hierárquica, posição intensificada tanto pela cor, quanto pelo gênero:

No período da escravidão, pessoas brancas criaram uma hierarquia social baseada em raça e sexo que posicionou homens brancos em primeiro lugar, mulheres brancas em segundo, apesar de as vezes serem colocadas na mesma posição dos homens negros, que estavam em terceiro lugar, e as mulheres negras eram as últimas (hooks, 2020, p. 93).

² Texto original: As a result, both feminist theory and antiracist politics have been organized, in part, around the equation of racism with what happens to the Black middle-class or to Black men, and the equation of sexism with what happens to white women.

A mulher negra foi mantida nessa posição de inferioridade por meio de atos desumanizadores, sendo a exploração sexual um dos que mais trouxeram danos às suas vidas, forjando estereótipos sobre seus corpos e construindo a “identidade” da mulher negra como devassa, sexualmente deliberada e de beleza “exótica”. Além desses, tantos outros estereótipos foram atrelados às condutas morais e sentimentais que chegaram a afetar a vida social e particular dessas mulheres.

Ademais, tendo em vista que a ideologia sexista e racista foi assimilada pelas pessoas negras, os estereótipos e mitos negativos ultrapassaram as fronteiras de classe e de raça e influenciaram tanto a forma como mulheres negras eram percebidas por pessoas de sua raça, quanto a percepção que elas tinham de si mesmas (hooks, 2020). Essa colocação nos permite compreender que, apesar de ter sido oprimido pelo racismo, em determinados contextos, o homem negro também reproduziu práticas racistas articuladas ao sexismo contra a mulher negra.

Os danos resultantes desse processo para as mulheres negras são incontáveis e, por isso, o feminismo negro interseccional busca ressignificar e quebrar um silêncio que, nas palavras de hooks (2020, p. 17): “não era mera reação contra as brancas liberacionistas nem gesto de solidariedade aos patriarcas negros. Era o silêncio do oprimido: aquele profundo silêncio engendrado de resignação e aceitação perante seu destino”. Nesse sentido, a importância da conceituação da interseccionalidade reside justamente em considerar a interação entre dois ou mais tipos de subordinação, isto é, como os efeitos do patriarcado, do racismo e das opressões de classe se entrecruzam na vida das mulheres negras.

Considerando que a discussão sobre a interseccionalidade aborda a maneira como gênero, raça e classe atravessam simultaneamente a realidade das mulheres negras, torna-se pertinente discutir a aplicabilidade do conceito de gênero em diferentes contextos socioculturais. Nesse sentido, o estudo sobre gênero implica questionar determinados conceitos vigentes e abordagens teóricas. A esse respeito, a socióloga e escritora nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí critica o uso universal do “gênero” enquanto categoria analítica dos estudos feministas, uma vez que esse conceito está atrelado ao modelo eurocêntrico de “família nuclear” e não corresponde ao modelo de organização social da maioria das comunidades do continente africano. De acordo com Oyěwùmí (2004, p. 3-4), a família nuclear seria:

[...] uma família generificada por excelência. Como uma casa unifamiliar, é centrada em uma mulher subordinada, um marido patriarcal, e as filhas e filhos. A estrutura da família, concebida como tendo uma unidade conjugal no centro, presta-se à promoção do gênero como categoria natural e inevitável, porque dentro desta família não existem categorias transversais desprovidas dela. Em uma família generificada,

encabeçada pelo macho e com dois genitores, o homem chefe é concebido como ganhador do pão, e o feminino está associado ao doméstico e ao cuidado.

A estrutura da família nuclear, entretanto, é euro-americana, não universal. A título de exemplo, menciona-se a família tradicional Iorubá do sudoeste da Nigéria, caracterizada por Oyěwùmí como não-generificada, pois seus papéis de parentesco e categorias de poder não são definidas por gênero, mas pela senioridade e relações de linhagem. Com base nessas constatações, a autora levanta uma problematização relevante:

Porque gênero é socialmente construído, a categoria social "mulher" não é universal, e outras formas de opressão e igualdade estão presentes na sociedade, questões adicionais devem ser feitas: Por que gênero? Em que medida uma análise de gênero revela ou oculta outras formas de opressão? As situações de quais mulheres são bem teorizadas pelos estudos feministas? E de que grupos de mulheres em particular? Até que ponto isso facilita os desejos das mulheres, e seu desejo de entender-se mais claramente? (Oyěwùmí, 2004, p. 2-3)

Na perspectiva apresentada por Oyěwùmí, a organização estrutural africana não se baseia no binarismo homem/mulher, portanto, não é possível utilizar a categorização de gênero para compreender a opressão das mulheres em todo o mundo. Assim, qualquer interpretação deve, necessariamente, considerar os contextos históricos, socioculturais e locais específicos.

Partilhando dessa mesma concepção, Ifi Amadiume, em *Male daughters, female husbands* (1987) demonstra, com base em dados etnográficos da localidade Nnobi, que posições sociais como marido/esposa e filho/filha não estão interligadas ao sexo biológico ou a orientação sexual como ocorre nas conceitualizações ocidentais. Com isso, a autora levanta uma indagação quanto a essas diferenças sociais: se estariam elas associadas a um ato de opressão ou discriminação, ou, por outro viés, “à diversidade, ao igualitarismo e a formas mais democráticas de participação política”? (Figueiredo; Gomes, 2020, p. 912).

A partir desse apanhado teórico, observa-se que, do ponto de vista da reflexão dessas autoras africanas, a interseccionalidade não exerce o mesmo papel de influência, pois nem sempre as diferenças de gênero estão associadas à hierarquia ou à opressão. Entretanto, é válido ressaltar que, neste estudo, a interseccionalidade será utilizada como uma categoria de análise voltada à realidade de uma personagem nigeriana em sua condição diaspórica nos Estados Unidos. Por isso, torna-se possível tensionar as abordagens aqui apresentadas, empregando-as como perspectivas complementares para pensar a condição feminina negra em diferentes contextos.

Sob a perspectiva de Carla Akotirene (2019), a interseccionalidade pode atuar a partir desse esforço sensível de identificar quais discursos compreendem realmente a experiência da mulher negra, já que a mesma constitui uma:

Instrumentalidade teórico metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (Akotirene, 2019, p. 14)

Os princípios ideológicos do conceito de interseccionalidade se articulam à medida que as mulheres negras tomam consciência de sua situação de dupla opressão, uma condição que as lutas antirracistas ou feministas, isoladamente, seriam incapazes de alcançar. Sendo assim, esses aspectos só poderiam ser contemplados por uma perspectiva que compreenda a articulação dessas opressões umas em face das outras.

Analisando a trajetória do movimento feminista e todo o quadro de lutas das mulheres por igualdade de direitos e reconhecimento social, fica evidente que não se pode tratar mulheres a partir de uma perspectiva universalista. No livro *Quem tem medo do feminismo negro*, Djamila Ribeiro aponta que:

[...] Ao falar de mulheres, devemos sempre nos perguntar de que mulheres estamos falando. Mulheres não são um bloco único — elas possuem pontos de partida diferentes. Sueli [Carneiro] aponta a urgência de não universalizar essa categoria, sob o risco de manter na invisibilidade aquelas que combinam ou entrecruzam opressões. Ou seja, ela fala da importância de se dar nome e trazer à visibilidade para se restituir a humanidade.” (Ribeiro, 2018. p.17)

As construções sociais moldadas pelas bases cisheteropatriarcais e pelos ideais de supremacia branca continuam a se perpetuar e sustentar as relações hierárquicas de poder. Historicamente, as mulheres negras lutaram para romper as barreiras impostas pelas opressões. Lutaram contra a escravidão e o racismo resultante; lutaram contra a opressão de gênero. Por isso, faz-se importante expor os critérios que separavam as mulheres em blocos diversificados, ao passo que carregavam especificidades, principalmente em relação à raça.

Portanto, a leitura de *Americanah* à luz do feminismo negro e da interseccionalidade torna-se imprescindível para compreender como a subjetividade da mulher negra é interpretada e regulada por sistemas de poder que atuam de maneira simultânea. O caminho traçado por Ifemelu na diáspora comprova essas dinâmicas, pois ela encontra-se exposta a um contexto no qual as matrizes racial e patriarcal estruturam as relações humanas. Assim, a discussão teórica aqui desenvolvida justifica-se porque *Americanah* convoca uma chave de leitura interseccional que compreenda os entrecruzamentos estruturais que incidem sobre a experiência da personagem. Desse modo, pretende-se investigar o modo como Adichie constrói, em ficção, aquilo que a crítica nomeia como opressão interseccional.

2.4 ESCRITAS DE SI

As chamadas escritas de si são práticas discursivas nas quais o sujeito toma a própria experiência como matéria de linguagem para narrar a si. Esse conceito abrange vários gêneros como diários, autobiografias, cartas, relatos pessoais, memórias e narrativas autobiográficas, em que o “eu” narrador é centralidade na construção do texto. Desse modo, nessas formas de escrita a subjetividade aparece e se constitui no próprio ato de “escrever-se”.

A base conceitual do termo remonta às reflexões de Michel Foucault feitas no ensaio *A escrita de si* (1983), em que o autor analisa escritos da Antiguidade greco-romana, como cartas, cadernos de notas e registros pessoais. Para Foucault, esses textos iam além de uma função memorial e representavam técnicas de si, isto é, modos pelos quais o sujeito se forma, se observa e se transforma por meio da linguagem. Segundo Foucault:

A narrativa de si é a narrativa da relação consigo mesmo, e nela é possível destacar claramente dois elementos, dois pontos estratégicos que vão se tornar mais tarde objetos privilegiados do que se poderia chamar as interferências da alma e do corpo [...] (Foucault, 1983, p. 157).

Nesse sentido, o sujeito não preexiste plenamente à escrita, mas se constitui no próprio processo de escrever sobre si. A escrita de si pode ser entendida como um fenômeno literário no qual a realidade e a ficção se misturam, produzindo uma narrativa que dá voz a um eu composto pela memória e experiência vivenciada. Vale ressaltar que não se trata de uma reprodução fiel do vivido, mas sim de uma produção discursiva que escreve e redesenha a experiência, conferindo-lhe sentido.

Para Araújo (2011, p. 8) o termo “escritas de si” caracteriza “a narrativa em que um narrador em primeira pessoa se identifica explicitamente como o autor autobiográfico, mas vive situações que podem ser ficcionais”. A partir dessa concepção, compreende-se que essa modalidade de escrita não se define pela oposição entre verdade e ficção, mas pela transição que ocorre entre ambas. Se a escrita de si parte da memória, Fuks (2015, p. 214-215) afirma que “qualquer memória é uma ficção, qualquer construção de uma história acaba inevitavelmente incidindo numa ficção”.

Além disso, segundo Arfuch (2010), toda narrativa de vida implica uma transformação temporal, uma vez que narrar é reorganizar o vivido. Como afirma a autora, há uma “virada obrigatória que toda narrativa, enquanto processo temporal essencialmente transformador, impõe à sua matéria: contar a história de uma vida é dar vida a essa história” (Arfuch, 2010, p.

42). Essa possibilidade pragmática da escrita, para além de registrar acontecimentos, produz efeitos sobre o sujeito que escreve. Nesse sentido, o diário íntimo é destacado por ela como uma forma de confissão e autoexame, podendo ainda assumir contornos de busca por uma forma de “salvação”, no sentido de reorganização da própria existência.

Desse modo, ao escrever sobre si, o sujeito produz uma certa continuidade da consciência. Arfuch (2010) mostra que nesses textos há uma “visão de si” que apenas o próprio sujeito pode oferecer, independentemente de sua correspondência com uma verdade referencial. Assim, o eu que se apresenta na escrita, longe de ser estável, é uma configuração provisória, produzida no decorrer do ato de narrar.

Ao se debruçar sobre um recorte mais específico desse fenômeno literário, Santana (2025) dedica-se à análise da escrita de si de mulheres negras, compreendendo-a como um “trabalho de memória e formulação estética de sua própria existência que permite a constituição de subjetividades e coletividades que resistem ao racismo” (Santana, 2025, p. 75). Sob esse viés, escrever-se é um ato de existir, lembrar, curar, denunciar e tornar-se sujeito de si mesma, tornar-se “autora da própria história”:

A escrita de si de mulheres negras, então, é justiça poética, política e ancestral. É narrativa que cura. É voz que atravessa o tempo. É corpo que resiste. É epistemologia negra em movimento. Este artigo, como a tese que o gerou, é um bordado. Um entrelaçamento de vivências e leituras, pelas palavras. A escrita de si de mulheres negras é resistência ao racismo e ao epistemicídio. É produção de memória, de conhecimento. É prática de liberdade e armação de vida (Santana 2025, p. 81).

Associado à compreensão da escrita de si como prática ética e política, Foucault (1983) retoma da tradição grega o conceito de *parrésia*, entendido como a coragem de dizer a verdade e de assumir os riscos que esse dizer implica. Pensando no contexto em que a escrita de si de mulheres negras se insere, a *parrésia* manifesta-se na franqueza do discurso e no enfrentamento do silenciamento, na nomeação da própria existência e na apropriação da própria vida, e por fim, é observada, no ato de reconstruir suas subjetividades para (re)existir.

A partir dessas reflexões, é relevante considerar as formas contemporâneas de escritas de si, nas quais novos modos de autorrepresentação acontecem. Na atualidade, as esferas virtuais aproximam-se da cena literária contemporânea, e, nesse cenário, os *blogs* são escolhidos como espaço de experimentação narrativa, onde o “eu” é publicizado. O termo *blog* deriva do inglês *web log* que significa registro na rede. Nesses registros é possível reconhecer uma figuração de si, e por meio dela, “pensar a autoficção como uma estratégia representacional

possível exercitada pelos *blogueiros* em seus posts e nos livros publicados, como um dispositivo que responde ao contexto contemporâneo” (Azevedo, 2008, p. 34).

Cabe ressaltar que os *blogs* apresentam características versáteis, uma vez que podem se aproximar dos diários íntimos, quando vinculados às escritas de si do cotidiano; da correspondência, pela possibilidade de interação que os posts ensejam; e das autobiografias e memórias, na medida em que se dirigem à esfera pública. Diante disso, Santos (2003, p. 532) observa:

Essa versatilidade presente nos *blogs* traduz, uma nova forma de escrita de si, pois ao mesmo tempo que, traz uma escrita dos acontecimentos atrelados ao cotidiano, também expõe conteúdos autobiográficos e podem através dos *blogs* desenvolver a comunicação com outras pessoas.

É à luz dessas discussões que interpretam-se as significações presentes no *blog* ‘Raceteenth’, escrito pela protagonista do romance *Americanah*. À medida que suas publicações são escritas sob uma ótica analítica e crítica acerca das dinâmicas sociais e raciais vividas nos Estados Unidos, expressam também um olhar pessoal sobre essas questões, o que nos permite compreender o *blog* como uma forma moderna de escrita de si. Além disso, o *blog* supracitado cria uma relação entre intimidade e exposição do eu, características das práticas discursivas da modernidade que constroem sentidos sobre si em diálogo com um outro. Na próxima seção, apresentaremos o contexto literário no qual a obra em análise se insere, bem como, o percurso literário de Chimamanda Adichie.

3. AMERICANAH: SUBVERSÃO DA HISTÓRIA ÚNICA NA LITERATURA FEMININA NIGERIANA

Publicado em 2013, o romance *Americanah*, vencedor do *National Book Critics Circle Award*, narra a história de Ifemelu e Obinze, jovens nigerianos cujos caminhos se entrelaçam e se separam em meio a deslocamentos entre a Nigéria, os Estados Unidos e o Reino Unido. A obra apresenta um tempo narrativo não linear que, como afirma Braga (2022, p. 144) “prioriza a anacronia de uma alternância e de uma justaposição espaço-temporal, combinando tempos – presentes e passados – e espaços”. É a partir de tal estrutura que se descrevem as transformações vividas pelos personagens ao longo de suas experiências migratórias, bem como a maneira pela qual tais mudanças colocam em posição de dúvida questões de identidade e pertencimento, e com isso, observa-se como é posta a “relação entre o movimento e a (re) construção identitária” (Barros, 2021, p. 124).

Em seu título, o romance carrega um significado irônico: “*Americanah*” refere-se à maneira como os nigerianos chamam aqueles que, ao viajarem para o exterior, retornam ao país de origem com mudanças perceptíveis em seu comportamento, sotaque e visão de mundo, conceito que espelha a reorientação identitária da protagonista Ifemelu. Assim, a narrativa interliga discussões sobre racismo, sexismo e colonialismo, dando destaque à complexidade das experiências da diáspora africana.

Portanto, as discussões suscitadas em *Americanah* permitem refletir sobre a literatura nigeriana contemporânea e compreender sua importância na visibilidade das vozes femininas e na ampliação do olhar sobre a realidade sociocultural da Nigéria. Por essa razão, este capítulo apresenta um panorama dessa tradição literária, analisando o lugar ocupado por Chimamanda Ngozi Adichie neste percurso.

3.1 LITERATURA NIGERIANA DE AUTORIA FEMININA

A literatura pode ser compreendida como a representação de um tempo, de um espaço e de uma sociedade. Diversas correntes teóricas abordam justamente essa dimensão: como a realidade é expressa e reinterpretada por meio das obras literárias. No entanto, para essa investigação, compreende-se que literatura é um espaço onde se manifestam relações de poder. Partindo dessa perspectiva, é importante observar como tais relações se refletem na produção literária nigeriana.

De acordo com Falola e Heaton, em *A History of Nigeria* (2008), o território que hoje constitui a Nigéria é resultado da amalgamação promovida pela administração colonial britânica em 1914, quando se uniram os protetorados do Norte e do Sul em um único Estado artificialmente construído. Antes da chegada dos colonizadores, a região era composta por sociedades politicamente independentes, como os estados de Oyo, Benin e Kanem-Borno, que possuíam complexos sistemas de organização social, política e econômica. A colonização britânica impôs o sistema de “governo indireto” e transformou essas estruturas, retirando a soberania de líderes tradicionais e conferindo poderes arbitrários a autoridades designadas pelo domínio colonial.

Além disso, a economia do domínio colonial constituiu uma elite nigeriana, educada nos moldes europeus, como necessária para ocupar cargos inferiores no governo e nos negócios administrados pelos colonizadores. Tal elite desfrutava de um padrão de vida mais satisfatório do que a maioria dos nigerianos, mas ao descobrir que sua capacidade de ascender ao nível de suas competências era obstruída pela ideologia racista do domínio colonial – que via os africanos como cultural e intelectualmente inferiores aos europeus – passou a liderar movimentos por um eventual fim do domínio colonial na Nigéria (Falola; Heaton, 2008).

No interior dessas transformações históricas, as mulheres nigerianas também viram seus papéis sendo reconfigurados: nas comunidades iorubás, as mulheres desempenhavam papéis de grande relevância como as *Iyaloja*, líderes de mercados que regulamentavam preços e regras comerciais. Já entre os igbos, era difícil conceber uma economia agrícola sem a participação das esposas e filhas nas lavouras e no comércio local.

Mas, para além do seu papel na agricultura, como afirma a historiadora Gloria Chuku (2005) no livro *Igbo Women and Economic Transformation in Southeastern Nigeria, 1900–1960*, a flexibilidade dos papéis de gênero e da estrutura política igbo possibilitou que algumas mulheres ocupassem espaços de importância no sistema, exercendo autoridade política como governantes, atuando como agentes, sentando-se no conselho do rei, servindo como intermediárias em relações diplomáticas e protegendo suas cidades e vilarejos de diferentes maneiras. De acordo com Chuku, essa dinâmica acontecia pela existência de um sistema denominado “sexo dual”:

No sistema de sexo dual, o poder político era compartilhado entre homens e mulheres. Enquanto cada grupo gerenciava e controlava seus próprios assuntos, cada um era também complementar em vez de subordinado ao outro. Esse sistema permitia uma divisão de trabalho entre gêneros harmoniosa, eficiente e efetiva na estrutura política igbo. Sob a estrutura de sexo dual, as mulheres igbo exerciam poder direto dentro de esferas vistas como a província feminina através de organizações exclusivamente

femininas. As organizações de mulheres existiam e atuavam como estruturas de autoridade paralelas às dos homens (Chuku, 2005, p. 19, tradução nossa³).

Contudo, o colonialismo britânico estabeleceu novos princípios de organização social por meio da hierarquização de raça e de gênero (Oyěwùmí, 2021), o que aprofundou ainda mais as desigualdades a partir do modelo Ocidental do patriarcado, tendo em vista que a sua estrutura política e econômica resultou na exclusão das mulheres de todas as funções políticas e administrativas e deixou os mercados locais como a única área onde a organização tradicional das mulheres poderia exercer sua autoridade (Enwo-Irem, 2018).

Diante disso, torna-se válido ressaltar que essa exploração feita pelos britânicos desencadeou na Guerra das Mulheres de 1929, protesto que levou ao colapso do sistema dos chefes de mandato do governo colonial (*Warrant Chiefs*), forçando à renúncia de chefes corruptos e incluindo a nomeação de mulheres para os tribunais nativos, um marco na resistência anticolonial na Nigéria. Ainda segundo Enwo-Irem (2018), em um período em que parte dos homens nigerianos ainda não havia organizado seus pensamentos, as mulheres já haviam colocado suas vidas em risco na luta pelos direitos de toda a população.

Após um longo e gradual processo de transição, a Nigéria se tornou um país independente em 1960 e, nos anos seguintes, enfrentou regimes ditatoriais, guerras civis e crises econômicas que deixaram marcas na sociedade até os dias atuais:

Durante a maior parte do período desde a independência em 1960, a política nigeriana tem sido marcada por instabilidade. Identidades regionais, étnicas e religiosas tornaram-se fortemente politizadas [...]. Essas tensões étnicas e religiosas resultaram em uma guerra civil na Nigéria, de 1967 a 1970, bem como em inúmeros episódios de ataques organizados e tumultos espontâneos nos quais minorias étnicas e religiosas foram alvos (Falola; Heaton, 2008, p. 8, tradução nossa⁴).

Os esforços para reduzir essas tensões foram malogrados e, em 1967, a Região Oriental da Nigéria, formada majoritariamente pelo grupo étnico igbo, se separou e declarou independência, decisão que desencadeou uma Guerra Civil conhecida como Guerra de Biafra.

³ Texto original: In dual-sex system, political power was shared between men and women. While each group managed and controlled its own affairs, each was also complementary instead of subordinate to the other. This system allowed for a harmonious, efficient and effective gender division of labor in Igbo political structure. Under the dual-sex structure, Igbo women exercised direct power within arenas viewed as the female province through all-female organizations. Women's organizations existed and acted as parallel authority structures to those of men.

⁴ Texto original: For most of the period since independence in 1960, however, the Nigerian polity has been wracked with instability. Regional, ethnic, and religious identities have become heavily politicized [...] These ethnic and religious tensions have resulted in one civil war in Nigeria, from 1967 to 1970, as well as countless episodes of both organized attacks and spontaneous riots in which ethnic and religious minorities have been targeted.

Entre 1967 e 1970, o povo nigeriano vivenciou dias devastadores e foi assolado pela fome e pela violência, que resultaram na morte de mais de um milhão de pessoas.

Esse contexto histórico e social influenciou a construção de alguns dos temas da literatura nigeriana pós-colonial, a qual reelaborou tais experiências em suas narrativas. A partir do período da independência, os escritores nigerianos se dedicaram a questões como a governança, a corrupção dos políticos locais que assumiram o poder e a permanência das práticas herdadas do colonialismo. Desse modo, quando a escrita volta-se aos desdobramentos da experiência pós-colonial, autores como Chinua Achebe, Wole Soyinka, Gabriel Okara, John Pepper Clark e Cyprian Ekwensi destacam-se por fazerem das línguas europeias “um instrumento capaz de revelar as ideologias do discurso colonial e questionar seu sistema de valores e de representação” (Rodrigues, 2011, p. 83). Formando a chamada primeira geração, eles preocuparam-se em expor os males do colonialismo, do neocolonialismo e da corrupção interna.

Com isso, produz-se uma literatura que, na tentativa de valorizar e reescrever a história da Nigéria, descreve seus aspectos históricos e culturais sob o olhar de quem a vivenciou. Entretanto, apesar de Achebe (2000, p. 79) definir a sua literatura como um “processo de recontar (*re-storying*) pessoas que foram silenciadas pelo trauma da perda”, essas narrativas ainda permanecem alheias à perspectiva das mulheres.

É a partir desse panorama que emerge a literatura nigeriana de autoria feminina, a qual traz entranhada, em sua essência e entrelinhas, uma resistência político-histórico-social, que, somada à singularidade da mulher na sociedade, cria uma identidade que se articula de forma interseccional: as escritoras que representam a escrita nigeriana estilhaçam o silêncio secular de opressão que por muito tempo foi imposta às produções de autoria feminina, especificamente, à literatura escrita por mulheres negras.

Corroborando esta premissa, Martins (2024, p. 161) afirma:

No contexto africano, a literatura tem sido usada muito frequentemente pelas mulheres como instrumento de luta, retratando as situações de opressão e procurando soluções. Nesse sentido, pode considerar-se que várias obras acabam por ter um cunho ensaístico, no sentido em que colocam em cena, nomeadamente em narrativas curtas, determinadas questões pós-coloniais e feministas.

Nota-se, a partir da década de 1960, a produção de uma literatura que abraça as especificidades do ser mulher, por meio de uma escrita própria que reivindica um espaço para existir. Nas obras nigerianas escritas por mulheres, a mulher é escrita protagonizando as

personagens, os espaços, a força, o direito sobre si própria e seu corpo, sobre sua fala e suas escolhas.

Nesse contexto, estudos apontam que a inserção de vozes femininas na literatura nigeriana tem início com Flora Nwapa, primeira escritora do país a ser reconhecida internacionalmente, tendo sua obra publicada fora do país. Em 1966, Nwapa publica *Efuru*, romance considerado um marco na literatura nigeriana, narrado na perspectiva da mulher:

Efuru dormiu profundamente naquela noite. Ela sonhou com a Mulher do Lago, sua beleza, seus longos cabelos e suas riquezas. Ela viveu por muito tempo no fundo do lago e era tão antiga quanto o próprio lago. Ela era feliz, rica e bonita. Ela dava beleza e riqueza às mulheres, mas não tinha filhos. Ela nunca tinha experimentado a alegria da maternidade. Por que então as mulheres a adoravam? (Nwapa, 2023, p. 232).

Em *Efuru*, as mulheres encontram-se no centro da narrativa, têm autonomia e independem da figura masculina para ocupar espaços. No excerto supracitado, percebe-se que há um questionamento sobre a imposição social da maternidade como medida de realização das mulheres, questão posteriormente expandida por outras autoras nigerianas, como Buchi Emecheta, escritora cujo conjunto de obras aumentou os horizontes sobre as representações da mulher africana no cenário literário internacional. A título de exemplo, em *As alegrias da maternidade* (1979), Emecheta discorre sobre as ambiguidades de ser mãe e as formas como a desigualdade, o papel de gênero e as pressões sociais influenciam a vida de uma mulher na sociedade nigeriana:

[...] contudo, só por ser mãe de três filhos, era obrigada a ser feliz em sua pobreza, em sua agonia que a levava a roer as unhas, em seu estômago convulsionado, em seus farrapos, em seu quarto atulhado... Ah, que mundo desconfortante! (Emecheta, 2018, p.165).

A autora desconstrói a ideia romantizada da maternidade como fonte incondicional de felicidade e realização, a partir da representação de mulheres que, apesar de cumprirem o ideal social de ser mãe, vivem um cotidiano repleto de sofrimento, privação e abandono. Logo, a notoriedade dessas escritoras é importante por apresentar uma nova perspectiva social em que elas se autorrepresentem e representem suas semelhantes e, desse modo, rasurem os estereótipos atribuídos a elas na literatura dita hegemônica (Ramos et al., 2024).

As temáticas ligadas à identidade feminina, maternidade e decolonidade definiram direções para as obras subsequentes de Flora Nwapa e Buchi Emecheta, incentivando também outras escritoras nigerianas como Zulu Sofola, Catherine Acholonu, Adaora Lily Ulasi e

Zaynab Alkali (Pereira; Barros, 2024). Na contemporaneidade, a literatura nigeriana de autoria feminina é representada por nomes como Ayòbámi Adébáyò, romancista que aborda temas como família, casamento, infertilidade, e as complexidades da sociedade nigeriana, bem como por Chimamanda Ngozi Adichie, cujo percurso literário será analisado com maior profundidade nos subtópicos seguintes, dado o foco desta pesquisa em sua produção literária.

3.2 O LUGAR DE CHIMAMANDA NA LITERATURA NIGERIANA

Quando rejeitamos a história única, quando percebemos que não existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso.

(Chimamanda Adichie)

Chimamanda Ngozi Adichie, escritora contemporânea com influência que transcende a literatura africana, nasceu em 15 de setembro de 1977, em Enugu, na Nigéria. Cresceu em um meio universitário, na cidade de Nsukka, onde seus pais atuavam em um ambiente acadêmico. Chegou a cursar medicina por um ano e meio na Universidade da Nigéria, período em que foi editora da revista *The Compass*. Aos 19 anos, mudou-se para os Estados Unidos para cursar comunicação. Em 2003, concluiu o mestrado em Escrita Criativa pela Universidade *Johns Hopkins* de Baltimore e, em 2008, o mestrado em Artes de Estudos Africanos pela Universidade *Yale*.

Com sua escrita, ela ocupa um lugar de continuidade e renovação dentro da tradição de escritoras que abriram caminhos para a voz das mulheres africanas na literatura. Suas obras abordam de forma contundente temas como machismo, ancestralidade, racismo, identidade, imigração, violência e diferenças étnico-religiosas, problematizando as consequências sociais e culturais deixadas pelo colonialismo. No cenário literário nigeriano, é reconhecida pelo “distanciamento crítico das perspectivas nacionalistas, ao apontar os limites e contradições dos processos e descolonização do continente africano” (Da Silva; Fidelis, 2024, p. 320). Desse modo, Adichie encontra-se na terceira geração de escritoras nigerianas, que exploram em suas obras a condição das mulheres africanas sob aspectos do feminismo, bem como temas sobre política, guerra e economia.

Herdeira literária e crítica da linha narrativa desenvolvida por autores nigerianos como Chinua Achebe, Flora Nwapa e Buchi Emecheta, Adichie estabelece com esses nomes uma

relação dialógica, uma vez que ambos falam sobre temas como o colonialismo, a tradição e a modernidade. Porém, Chimamanda assume uma perspectiva que enfatiza o protagonismo feminino e as experiências da diáspora. Em *Hibisco Roxo* (2003), seu romance de estreia, por exemplo, a autora trata da desestruturação familiar diante das pressões do colonialismo e da religião, tema já abordado por Achebe em *Things Fall Apart* (1958), sobre o período de transição colonial. Contudo, em seu romance, além de realçar as tensões entre religiosidades ancestrais e cristãs, Adichie direciona seu olhar para as violências domésticas vividas por mulheres, aspecto que outrora foi invisibilizado na ficção de Achebe.

Ademais, provando sua posição ativa na disseminação de uma vertente cultural, poética e religiosa, assim como Buchi Emecheta faz em *Destination Biafra* (1982), Adichie tematiza os impactos da guerra de Biafra na identidade e nas relações socioculturais das comunidades igbo em *Meio Sol Amarelo* (2006):

Era difícil, para Olanna, visualizar uma guerra acontecendo nesse momento, balas caindo na poeira vermelha de Nsukka, enquanto os soldados biafrenses rechaçavam os vândalos. Era quase sempre muito difícil visualizar qualquer coisa de concreto que não viesse empanado pelas lembranças de Arize, tia Ifeka e tio Mbaezi, e que não desse a impressão de vida sendo vivida num tempo suspenso (Adichie, 2008, p. 217).

Como demonstrado na citação acima, por meio da ficcionalização de testemunhos e da rememoração das violências étnicas, é feita a denúncia e tensionalização da dor histórica vivida pela sociedade nigeriana durante esse período, reconstituindo por meio da literatura, a memória dos processos de colonização e descolonização.

Nesse contexto, sua própria vivência na diáspora expande os horizontes para a literatura nigeriana, pois, como apontam Silva e Fidelis (2024), esse traslado entre os Estados Unidos e a Nigéria possibilita que ela enxergue as realidades socioculturais nigerianas sob novos olhares, distanciando-se, por um lado, das perspectivas coloniais e, por outro, dos discursos nacionais. Esses novos olhares, conseqüentemente, contribuem para que os dois lados da história sejam contados. A partir disso, refletimos sobre o conceito de “História única” proposto por Adichie em sua primeira palestra no *TED Talk* (2009), como crítica às representações estigmatizantes e reducionistas da África:

A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história. [...] A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos (Adichie, 2009).

Por associação, pode-se pensar no colonialismo como um “contador” dessa história única considerando que na época não importava a história em si, mas quem a conta, quando conta e como ela é contada: tudo depende do poder. Como revelam as sábias palavras de um provérbio da tradição oral da África Ocidental, “Até que os leões tenham suas histórias, os contos de caça glorificarão sempre o caçador”. É nesse quesito que a literatura pós-colonial, bem como as obras de Chimamanda, tem um papel influente, pelo fato de contarem versões silenciadas da história; versões essas que, pelo fato de existirem, acabam com o “perigo da história única”.

Sua escrita, então, é aqui entendida como uma reescrita da história que, ancorada em uma sensibilidade crítica, representa, interroga e reinventa a Nigéria a partir das margens. Destacamos, ainda, a relevância de sua produção literária na representação da mulher negra, cuja identidade não é reduzida a uma experiência única, mas construída e narrada de diferentes formas. Nesse sentido, é por meio de personagens singulares que Adichie propõe novas percepções sobre a experiência africana, conduzindo-nos a refletir sobre o lugar das mulheres nesse cenário.

3.3 O PERCURSO LITERÁRIO DE CHIMAMANDA

Ainda na palestra “*O perigo de uma história única*”, Chimamanda relata que cresceu lendo livros britânicos e americanos, e, por isso, desde pequena começou a escrever tal qual lia. Assim como nas histórias de seus autores favoritos, os seus personagens eram brancos de olhos azuis e brincavam na neve. Ela escreveu sobre realidades que não tinha contato, pois, diante das leituras que tinha e da história única que conhecia, se convenceu de que os livros deveriam ser sobre coisas estrangeiras, alheias e distantes da sua realidade, com as quais ela não conseguia se identificar.

Tal concepção é quebrada a partir do seu encontro com obras de autores como o nigeriano Chinua Achebe e o guineense Camara Laye, que lhe mostraram que pessoas como ela, “meninas com pele cor de chocolate, cujo cabelo crespo não formava um rabo de cavalo, também podiam existir na literatura” (Adichie, 2019, p. 8). A partir desse momento, Chimamanda passou a escrever sobre coisas que reconhecia como próprias, e é mediante essas escolhas temáticas que se traça o seu percurso literário, apresentado a seguir por meio de suas obras.

A carreira literária de Chimamanda Adichie tem início em 1997 com a publicação de uma coletânea de poemas intitulada *Decisions*, seguida pela peça teatral *For Love of Biafra*, em 1998. Em 2003, a autora publica o romance *Hibisco Roxo*, contextualizado entre os distúrbios políticos dos anos 1990 na Nigéria e narrado por Kambili, adolescente nigeriana imersa em um lar patriarcal e religioso, para quem o despertar crítico coincide com a abertura à pluralidade cultural e afetiva. A crítica literária interpretou o livro como um retrato da violência doméstica e do autoritarismo pós-colonial, consagrando-o internacionalmente, em 2005, com o *Commonwealth Writers' Prize: Best First Book*.

Em 2006, Adichie publica *Meio Sol Amarelo*, uma de suas obras mais reconhecidas, na qual aborda a partir de diferentes perspectivas, a Guerra de Biafra. Segundo Braga (2019, p. 100), neste romance, “o caráter traumático que origina a diáspora se apresenta de maneira mais explícita”, uma vez que a dispersão da população está atrelada ao desastre deixado pela guerra. Dada a sua relevância, a obra recebeu o prestigioso *Orange Prize for Fiction* (2007) e, anos mais tarde, o *Baileys Women's Prize for Fiction* (2015).

Posteriormente, com o volume de contos intitulado *No seu pescoço* (2009), Adichie aborda temas recorrentes em sua produção literária, como migração, gênero e pertencimento, articulando deslocamentos Nigéria–Estados Unidos e tensões de classe e raça. O encandeamento da narrativa desses contos permite confrontar “a tensão entre o lugar de origem e o país hospedeiro, [n]uma típica dialética diaspórica” (Braga, 2019, p. 143). Seu conjunto de obras, então, vai se configurando como uma forma de resistência cultural e social pela qual ela pôde gritar as dificuldades que afligem pessoas negras na diáspora, aspecto também presente em *Americanah* (2013), obra aqui analisada.

A dimensão ensaística de sua intervenção pública ganha forma editorial em *Sejamos Todos Feministas* (2014), texto adaptado do seu discurso no *TEDxEuston* (2012) e que propõe reflexões acerca dos estereótipos de gênero, dos preconceitos e das formas de violência que afetam as mulheres, enfatizando a importância do feminismo para enfrentar as estruturas históricas que sustentam a desigualdade de gênero. O tema do feminismo também é enfatizado em *Dear Ijeawele, or A Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions* (2017), obra que surgiu a partir de uma carta para uma amiga recém-mãe. Nela, a autora lista quinze proposições para uma educação feminista.

Além disso, em seu percurso literário, Chimamanda também produziu ensaios de caráter autobiográfico, como *Notas sobre o Luto* (2021), que aborda a política das perdas relacionadas à pandemia e com uma escrita contida e cortante, faz com que o luto pela perda do pai se torne

uma reflexão pública. Assim, em contraste com as obras supracitadas, *Notas sobre o Luto* apresenta uma dimensão mais íntima da autora:

É impressionante como aquela Chimamanda forte, inspiradora e sagaz que se lê em "Sejamos todos feministas", de 2015, e também em "Para Educar Crianças Feministas: um manifesto", de 2017, apequena-se diante do luto, nos primeiros capítulos, e se mostra ao/à leitor/a como um ser humano igual a qualquer outro: frágil diante do mistério da morte e da pressão momentânea (ou duradoura) do luto (Silva; Silva, 2023, p. 264).

Em 2023, Chimamanda realiza sua primeira incursão na literatura infantil com *Mama's Sleeping Scarf*, narrativa simples, mas de profundo significado no que diz respeito à cultura nigeriana e à diversidade familiar. Por fim, sua obra mais recente é o romance intitulado *A contagem dos sonhos* (2025), no qual a mulher, em suas mais diversas facetas e modos de existir, é o principal sujeito discursivo. Dessa maneira, a narrativa conecta a história de quatro personagens femininas (Chiamaka, Zikora, Omelogor e Kadiatou) e problematiza em que medida seus sonhos lhes pertencem ou são condicionados pela sociedade. A própria Chimamanda aborda sua visão sobre a representação das mulheres em sua literatura, em entrevista ao jornal *The Guardian* (2025):

Se alguém escreve honestamente sobre a vida das mulheres, parece evidente que precisamos falar sobre essas questões de forma muito aberta, porque elas afetam tudo. Elas afetam o bem-estar de uma mulher. Elas afetam seu bem-estar emocional. Elas atrapalham seus sonhos. Se você é uma mulher cujo sonho é ter uma família, por exemplo, miomas podem atrapalhar. [...] Eu estava tentando escrever sobre a vida das mulheres de uma forma que parecesse verdadeira, saudável e plena para mim (Adichie, 2025, tradução nossa⁵).

Nesse sentido, ao reunir na ficção relatos de diferentes mulheres negras, a narrativa lhes confere voz e protagonismo para que estas expressem suas experiências inscritas em seus corpos e memórias. Assim, pode-se dizer que, em suas obras, Adichie faz o leitor experienciar tais vivências de suas personagens na leitura. É possível sentir o silêncio sufocante de Kambili diante da violência paterna em *Hibisco Roxo* e a dor de Olanna ao testemunhar a crueldade da guerra em *Meio Sol Amarelo*. Sente-se também a solidão de Akunna em terra estrangeira, a incerteza de Selematu na tentativa de construir uma vida longe de casa em *A contagem dos Sonhos*, e a busca de Ifemelu por pertencimento em meio ao racismo e às condições impostas

⁵ Texto original: If one is writing honestly about women's lives, it seems self-evident that we have to talk about these issues in a very open way, because they affect everything. They affect how well a woman does. They affect your emotional wellbeing. They get in the way of your dreams. If you're a woman whose dream is to have a family, for example, fibroids can get in the way. [...] I was trying to write about women's lives in a way that feels truthful and wholesome and full for me.

pela imigração em *Americanah*. As emoções são escritas de forma tão nítida que o leitor é arrastado para dentro dessas existências, e em alguns casos, passa a partilhar de suas dores, alegrias e inquietações.

O contexto histórico, literário e crítico aqui apresentado fundamenta as análises que serão desenvolvidas no próximo capítulo. Nele, a obra será analisada a partir de três questões principais: a construção da identidade cultural em *Americanah*; a função que o *blog* de Ifemelu desempenha enquanto gênero confessional; e as intersecções entre raça, gênero e classe que atravessam a narrativa.

4. *AMERICANAH*: UMA LEITURA CRÍTICA

Neste capítulo, serão analisados os elementos narrativos e temáticos do romance *Americanah*, juntamente aos conceitos discutidos no referencial teórico. Com isso, será averiguada a maneira pela qual as experiências das personagens e as dinâmicas sociais representadas por Adichie dialogam com as categorias analíticas apresentadas neste trabalho a partir dos estudos sobre identidade imigrante, interseccionalidade e escritas de si.

4.1 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE IMIGRANTE EM *AMERICANAH*

Como um movimento da diáspora, a imigração, no romance *Americanah*, encontra rostos em 4 personagens: Ginika, Tia Uju, Obinze e Ifemelu. Ginika, amiga de escola de Ifemelu, compartilha uma amizade franca com a protagonista. Sua experiência com a imigração é destacada na seguinte passagem: “Os pais de Ginika já havia algum tempo falavam em pedir demissão da universidade e recomeçar nos Estados Unidos” (Adichie, 2017, p. 73). Sua mudança é resultado de um deslocamento planejado que, conseqüentemente, teve uma adaptação relativamente mais suave, apesar de os pais de Ginika precisarem sair da Nigéria ao constatarem as péssimas condições impostas pela crise sócio-política.

Tia Uju é uma personagem de trajetória complexa. Formada em medicina, ela representa, inicialmente, um modelo de independência financeira e empoderamento para Ifemelu. No entanto, seu destino toma um rumo inesperado quando se envolve com um militar que acaba falecendo, deixando-a grávida e sem qualquer estabilidade econômica, circunstância que a leva a deixar a Nigéria. Ao emigrar, depara-se com condições de vida precárias e enfrenta inúmeras barreiras para validar sua formação médica, sendo uma representação dos desafios impostos aos imigrantes qualificados.

Uma questão importante a se analisar deriva do fato de que, nos Estados Unidos, Tia Uju enfrenta dificuldades relativas à auto aceitação de sua identidade, o que se manifesta em sua adesão a padrões estéticos ocidentais, como se observa na seguinte passagem: “Vou ter que desfazer minhas tranças para a entrevista e fazer relaxamento no cabelo. Kemi disse que não devo usar tranças na entrevista. Eles acham que você não é profissional se tem o cabelo trançado” (Adichie, 2017, p. 130). Esse ato representa uma tentativa de adequação que exemplifica o processo descrito por Stuart Hall (2003, p. 27), segundo o qual, “na situação da

diáspora, as identidades se tornam múltiplas”, pois o sujeito passa a negociar diariamente quem é e quem precisa ser em um novo contexto social.

Não obstante, as estratégias de adaptação de Tia Uju começam a aparecer também em seu comportamento cotidiano, como quando aconselha Ifemelu dizendo: “Falei o que me disseram. Você está em um país que não é o seu. Faz o que precisa fazer se quiser ser bem-sucedido” (Adichie, 2017, p. 130). Como resultado de tal pensamento, ela segue moldando sua identidade para se ajustar às expectativas do ambiente, e em determinadas situações altera sua forma de falar para adotar um sotaque diferente, descrito como escorregadio, usado quando falava com americanos brancos. Aos poucos, nota-se que Tia Uju havia deixado parte de si para trás, “uma parte essencial, num lugar distante e esquecido” (Adichie, 2017, p. 130).

Analisando a narrativa sob o viés teórico que fundamenta este trabalho, essa reformulação do sotaque de Tia Uju pode ser compreendida como um sinal de mimetismo no sentido proposto por Bhabha (1994), para quem a mímica consiste no desejo por um “Outro reformulado e reconhecível, como um sujeito de uma diferença que é quase a mesma, mas não completamente” (Bhabha, 1994, p. 126, tradução nossa⁶).

Considerando essa perspectiva, o “ajuste linguístico” é aqui entendido como uma tentativa de se aproximar do grupo dominante, todavia, como reforça Bhabha (1994), esse mimetismo não garante aceitação; pelo contrário, é apenas uma estratégia complexa de reforma, regulação e disciplina que “apropria” o Outro. Dessa forma, a maneira como Tia Uju lida com sua identidade na diáspora ilustra um processo de (re)construção de uma identidade cultural que está atrelada a negociações constantes.

Obinze, o ex-namorado de Ifemelu, representa outra face da experiência diaspórica apresentada em *Americanah*, pois personifica a figura do imigrante “ilegal”. Desde jovem, manteve vivo o ideal do “*American way of life*”, mas quando decide imigrar para os Estados Unidos, tem seu visto negado, como se pode ver na passagem abaixo:

Finalmente chegou sua vez e o homem loiro de barba disse: “Próximo” [...] O homem deu uma olhada rápida nos formulários e disse, como um voz gentil: “Desculpe, você não se qualifica. Próximo!”. Obinze ficou atônito. Ele foi mais três vezes ao longo dos meses seguintes. Toda vez lhe diziam sem nem olhar seus documentos: “Desculpe, você não se qualifica”, e toda vez ele saía do frescor refrigerado do prédio da embaixada e sentia a luz cruel do sol, atônito e incrédulo (Adichie, 2017, p. 254).

⁶ Texto original: then colonial mimicry is the desire for a reformed, recognizable Other, as a subject of a difference that is almost the same, but not quite.

Desanimado, enxerga como única alternativa aceitar a proposta de sua mãe, que o ajuda a ir para o Reino Unido com um visto temporário, que não lhe permitia trabalhar no país. Ao analisarmos sua trajetória migratória, observamos que sua tentativa de se estabelecer em Londres já se inicia comprometida, uma vez que a ausência de legalização o coloca imediatamente em posição de vulnerabilidade.

Diante dessa impossibilidade, Obinze recorre primeiramente a uma identidade falsa, utilizando o cartão da Seguridade Social de Vincent Obi, personagem que negocia o documento em troca de 40% do que Obinze viesse a receber. Assim, “quando a noite caiu, com a cor do céu suavizando e virando um violeta pálido, Obinze tinha se tornado Vincent” (Adichie, 2017, p. 271). Desde esse momento, sua permanência naquele local dependia de assumir um papel que dissolvia lentamente seus vínculos com quem ele era antes de sair da Nigéria, o que é consequência direta da pressão que o sistema legal e social impõe aos imigrantes, Obinze, agora, sentia que estava “vestindo” a vida de outra pessoa.

Mesmo com o cartão da Seguridade Social em mãos, Obinze ainda enfrenta inúmeras dificuldades para conseguir trabalho e precisa recorrer a empregos precários, nos quais experimenta processos de marginalização não só por ser imigrante, mas também por sua negritude:

O emprego seguinte foi uma substituição temporária numa empresa que montava cozinhas, semana após semana sentado ao lado de motoristas brancos que o chamavam de “operário”, indo a obras repletas de barulhos e capacetes, tendo de subir longas escadas carregando ripas de madeira sem ajuda e sem incentivo. Pelo silêncio que mantinham enquanto dirigiam e pelo tom com que diziam “operário”, Obinze sentia a antipatia dos motoristas. Uma vez, quando ele tropeçou e caiu de joelhos, uma queda tão séria que voltou para o caminhão mancando, o motorista disse aos outros no depósito: “Não ficou roxo porque já é preto!”. Eles riram (Adichie, 2017, p. 273).

À medida que Obinze é reduzido à categoria “operário”, seu nome e identidade são ofuscados em detrimento das funções que exerce e das problemáticas a elas atribuídas. A esse respeito, Sayad (1998, p. 15) explica que esta é uma questão que está na própria natureza da imigração:

Só poderem ser nomeados, só poderem ser captados e tratados através dos diferentes problemas a que se encontram associados - problemas que se devem entender aqui no sentido dificuldades, distúrbios, danos etc., [...] sua característica própria, existe apenas no limite, graças aos problemas que colocam para a sociedade.

No caso de Obinze, a condição de trabalho precarizada e o racismo explícito ao qual é submetido demonstram como sua presença é vista socialmente sob uma ideia de subalternidade, exatamente o enquadramento que Sayad identifica como constitutivo da experiência migratória.

Assim, enquanto se manteve nessa condição instável, Obinze observava o mundo ao seu redor com uma sensação de deslocamento, incapaz de se situar completamente entre aquelas pessoas, as quais:

[...] Andavam tão rápido, aquelas pessoas, como se tivessem algo urgente pra fazer, um propósito na vida enquanto ele não tinha. Seus olhos se seguiam com um anseio perdido, e Obinze pensava: *Você pode trabalhar, sua situação é legal, você é visível e nem sabe a sorte que tem* (Adichie, 2017, p. 247).

O “anseio perdido” que acompanha o olhar de Obinze traduz precisamente uma busca por um lugar possível dentro de um espaço social que o rejeita. Desse modo, constatamos que “esse é um dos numerosos paradoxos da imigração: ausente onde está presente e presente onde está ausente” (Sayad, 2000, p. 20). Longe da Nigéria e impedido de integrar-se completamente ao país em que está, Obinze passa a habitar o entre-lugar, movendo-se entre dois mundos sem se sentir reconhecido em nenhum deles. Curiosamente, é apenas na livraria que ele recupera algo de si mesmo, pois ali tinha a liberdade de “se tornar Obinze de novo” (Adichie, 2017, p. 278).

A experiência de Obinze ganha maior complexidade à medida que as manchetes de jornais da época traziam consigo o clima de hostilidade, medo e insegurança dirigidos aos imigrantes que habitavam Londres: “FALEM INGLÊS EM CASA, DIZ BLUNKETT A IMIGRANTES” (Adichie, 2017, p. 281). Nesse cenário, “o cheiro de medo de quem pede asilo” (Adichie, 2017, p. 281), pairava sobre os ventos das ilhas Britânicas e confrontava as expectativas de Obinze quanto à vida que idealizara no exterior. Diante desse cenário, na sombra da tristeza que agora o envolvia, pensou “na vida que havia imaginado para si e na vida que tinha agora, com suas camadas de trabalho e leitura, pânico e esperança” (Adichie, 2017, p. 281).

O medo constante de ser deportado conduz Obinze a uma tentativa desesperada de obter a legalização por meio de um casamento arranjado com uma cidadã britânica, o que lhe garantiria a permanência legal no país. Contudo, trata-se de uma tentativa falha já que momentos antes do casamento Obinze foi detido e deportado, experiência que o deixa vulnerável a ponto de se sentir “esfolado, em carne viva, como se suas camadas externas tivessem sido arrancadas” (Adichie, 2017, p. 304).

Ao finalmente chegar à Nigéria, sua sensação de retorno é de estranhamento: pareceu-lhe que respirava vapor e sentiu-se tonto, envolto por uma nova tristeza – a tristeza dos dias que estavam por vir (Adichie, 2017). Desse modo, a partir do percurso de Obinze, percebemos que,

após a experiência de viver na diáspora, identidade e pertencimento podem ser desestabilizados pela diferença e pela disjunção. Logo, esses efeitos, para além do deslocamento geográfico, refletem-se na percepção de si mesmo e na reintegração social.

Ao direcionar o olhar para a experiência de Ifemelu, protagonista do romance, observa-se um dos retratos mais expressivos acerca das tensões que acompanham a experiência do imigrante. Nela, identifica-se o estranhamento diante da nova cultura, a perda momentânea de referências e a lenta reconstrução do pertencimento.

A priori, um dos primeiros desafios enfrentados por Ifemelu nos Estados Unidos relaciona-se ao impacto do seu sotaque, o qual funciona como uma marca visível de sua alteridade. A maneira como o inglês de Ifemelu é recebido nos EUA retrata processos de exclusão social e, na narrativa, essa dificuldade é representada, entre outros momentos, na cena em que Cristina Tomas, funcionária de uma instituição acadêmica, subestima sua fluência na língua inglesa:

Ifemelu deu um meio sorriso de pena, porque Cristina Tomas certamente tinha alguma espécie de doença que a fazia falar tão devagar, com os lábios espremidos fazendo um beicinho para ensinar o caminho até o departamento de alunos estrangeiros. Mas, quando ela voltou com a carta, Cristina Tomas disse 'Eu. Preciso. Que. Você. Preencha. Alguns. Formulários. Você. Entende. Como. Preencher. Estes. Aqui?', e Ifemelu entendeu que a menina estava falando desse jeito por causa dela, de seu sotaque, e durante um instante sentiu-se como uma criança pequena, de braços e pernas moles, babando. 'Eu falo inglês', disse Ifemelu. 'Aposto que fala', disse Cristina Tomas. 'Só não sei se fala bem'. Ifemelu se encolheu. Naquele segundo de silêncio difícil em que ficou olhando nos olhos de Cristina Tomas antes de pegar os formulários, ela se encolheu. Como uma folha seca. Falava inglês desde pequena, fora a capitã da equipe de debate no ensino médio e sempre achara a pronúncia anasalada dos americanos um pouco rudimentar; não deveria ter se acovardado e encolhido, mas o fez. E, nas semanas seguintes, conforme o frio do outono ia surgindo, começou a treinar um sotaque americano (Adichie, 2017, p. 146- 147).

Nesse episódio torna-se nítido o desconforto de Ifemelu ao perceber que sua “identidade linguística” pode ser usada como objeto de marginalização. Como afirma Sayad (1998, p. 55), “[...] um imigrante só tem razão de ser no modo do provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele”. Essa afirmação permite pensar criticamente o estado de liminaridade imposto ao imigrante, que é aceito sob a expectativa de que se molde às normas da cultura dominante. Assim, a imposição de um sotaque considerado aceitável age como um marcador social que pressiona aquele que busca aceitação em um novo espaço e com isso, instaura em Ifemelu a necessidade de demonstrar domínio da língua.

Gradualmente, Ifemelu adere a um sotaque mais próximo do padrão norte-americano. Porém, essa mudança só se torna consciente quando recebe uma ligação de um vendedor de

tarifas eletrônicas, que elogia sua pronúncia “quase americana”. A princípio, Ifemelu agradece de maneira automática, como se estivesse imersa em um processo de adaptação inconsciente. No entanto, ao desligar, é tomada por uma sensação crescente de vergonha:

Por que era um elogio, uma realização soar como um americano? Ifemelu tinha ganhado; Cristina Thomas [...] cujo olhar se encolheu como um pequeno animal derrotado, falaria normalmente com ela agora. Tinha ganhado de fato, mas seu triunfo era vazio. Sua vitória efêmera havia criado um enorme espaço oco, por que ela assumira, por tempo demais, um tom de voz e uma maneira de ser que não eram seus. Assim ela [...] decidiu parar de fingir que tinha sotaque americano (Adichie, 2017, p. 191).

Ouvir o elogio ao seu sotaque foi, para Ifemelu, como colocar uma guirlanda “em volta do próprio pescoço” (Adichie, 2017). Interpretando essa imagem de maneira ambivalente, nota-se que, por um instante, a guirlanda representou orgulho, como um ornamento que celebra sua capacidade de adaptação, mas depois se transformou em um aperto que a “asfixiou”, quando percebeu que estava legitimando uma superioridade do sotaque americano em relação ao seu. Há, nessa cena, um diálogo sutil com o conto *No seu pescoço* (2017), também escrito por Adichie, onde corpos negros e estrangeiros sentem-se sufocados por uma pressão que, metaforicamente, se instala na garganta. Em ambas as obras, a identidade é vivida como aquilo que se pendura no pescoço, ora adorno, ora peso.

Outro aspecto essencial a se destacar na construção identitária de Ifemelu apresenta-se na relação com seu próprio cabelo. Desde sua chegada aos Estados Unidos, ela trançava o cabelo com longos apliques, mas ao se preparar para uma nova entrevista de emprego, foi aconselhada a alisar os fios, pois “ninguém fala nessas coisas, mas elas importam” (Adichie, 2017, p. 220), e assim o faz. Como esperado, após o procedimento, “Ifemelu não se reconheceu. Saiu do salão quase de luto; enquanto a cabeleireira alisava as pontas com um ferro, o cheiro de queimado, de algo orgânico morrendo, causou nela uma sensação de perda” (Adichie, 2017, p. 220).

Junto aos seus cachos, perde-se um pedaço da sua identidade. O cabelo crespo, assim como todas as suas outras características, compunha quem ela era; modificá-las, nesse contexto, significa ceder aos padrões impostos pela sociedade. Assim, de acordo com Hall (2003, p. 13), a identidade é uma “celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Desse modo, observa-se que do mesmo modo, dentro do sistema cultural americano, a identidade de Ifemelu caminha em uma incógnita, sempre em (des)construção. Sua vida é

permeada por questionamentos e transformações contínuas, que derivam do fato de ser uma “negra não americana” em uma sociedade composta por ideais racistas.

Apesar dessas questões, há espaços nos quais Ifemelu encontra refúgio e a sensação de pertencimento. Um exemplo é a Associação de Estudantes Africanos, cuja dinâmica é descrita com riqueza de detalhes, ressaltando a pluralidade de nacionalidades e a construção de laços entre imigrantes africanos:

Você não conhece a Associação? Precisa vir na próxima reunião, na quinta’, disse ela [...] Nigerianos, ugandenses, quenianos, ganeses, sul-africanos, tanzanianos, zimbabuanos, um congolês e um guineano ficavam ali comendo, conversando, incentivando uns aos outros, e seus sotaques diferentes formavam redes de sons consoladores. Eles contavam, brincando, o que os americanos lhes falavam: Você fala inglês tão bem. Tem muita aids no seu país? É tão triste que as pessoas vivam com menos de um dólar por dia na África. E eles próprios caçoavam da África, trocando histórias de absurdos, de tolice, e sentiam-se seguros para caçoar, porque era algo que nascia de uma saudade, de um desejo desesperado de ver aquele lugar de novo. Ali, Ifemelu tinha uma leve sensação acalentadora de renovação. Ali, ela não precisava se explicar (Adichie, 2017, p. 152).

A vivência de Ifemelu na Associação é emblemática de busca por pertencimento. No decorrer das reuniões, os imigrantes compartilham experiências e criam uma comunidade que lhes permite redefinir os vínculos tanto com a cultura de origem quanto com a cultura de acolhimento: “tentem ficar amigos dos nossos irmãos e irmãs afro-americanos, num verdadeiro espírito de pan-africanismo. Mas não deixem de permanecer amigos de outros africanos, pois isso vai ajudar vocês a manter a perspectiva” (Adichie, 2017, p. 154).

Esses conselhos orientam um processo de “resgate” identitário, no qual as lembranças do continente coexistem com novas referências culturais. Em diálogo com uma leitura de Fanon, Bhabha (1994) enfatiza a importância dos povos subordinados afirmarem suas tradições culturais e recuperarem suas histórias reprimidas pela colonização, mas com cautela, para que não “se lancem ‘raízes’ no romanceiro celebratório do passado ou na homogeneização da história do presente” (Bhabha, 1994, p. 29). Nesse sentido, nas reuniões, a memória acontece em movimento, e o pertencimento se expande no encontro com outros africanos e com a experiência diaspórica.

Ao retornar à Nigéria anos depois, Ifemelu enfrenta um novo processo de adaptação, percebendo que sua vivência nos Estados Unidos a transformou irreversivelmente. “No início, Lagos a agrediu [...] e assim, Ifemelu teve a sensação estonteante de que caía, caía dentro dessa nova pessoa que se tornara, caía no estranho familiar. Será que sempre tinha sido daquele jeito ou tinha mudado tanto em sua ausência?” (Adichie, 2017, p. 415). O que acontece com Ifemelu pode ser explicado por Hall (2003), segundo o qual muitos dos que retornam ao local de origem

experimentam a sensação de que a terra tornou-se irreconhecível, ao mesmo tempo em que são percebidos como tendo perdido “os elos naturais e espontâneos que antes possuíam” (Hall, 2003, p. 27).

É nesse momento que Ifemelu é vista em Lagos como uma “*Americanah*”. Sua identidade já não é mais a mesma, pois agora traz consigo as marcas de sua vivência como imigrante, fazendo com que se sinta, ao mesmo tempo, pertencente e estrangeira em seu próprio lugar de origem. A Nigéria que ela reencontra está transformada, e sua própria visão de mundo também mudou. Ela passou a enxergar as coisas com “olhos de americano” (Adichie, 2017) e a se questionar sobre o que havia de novo em Lagos e o que era novo nela mesma.

Diante das discussões apresentadas, infere-se que, seja pela adaptação ao sotaque, pela ressignificação de práticas culturais ou pela necessidade de reorganizar comportamentos como mecanismo de sobrevivência, cada experiência das personagens analisadas confirma que, na diáspora,

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (Hall, 2003, p. 12).

Assim, paralelamente à realidade, ser imigrante no romance significa habitar esse entre-lugar em que a memória do que se era confronta-se com o que se torna; significa encontrar pertencimento nas fronteiras internas e admitir a coexistência de identidades que dialogam conflituosamente entre si. Ser imigrante significa existir entre o que se abandona, o que se adquire e aquilo que permanece como núcleo de si, pois, no ato de partir, parte de si também se transforma.

4.2 RAÇA, GÊNERO E CLASSE EM *AMERICANAH*

Respalado pelas discussões teóricas desenvolvidas até aqui sobre feminismo interseccional e sobre a literatura nigeriana de autoria feminina, este tópico dedica-se a analisar a interseccionalidade entre raça, gênero e classe que atravessa a experiência da protagonista do romance *Americanah*. Parte-se do pressuposto de que as opressões por ela vivenciadas nos Estados Unidos não podem ser compreendidas sem que se decifre esses mecanismos.

Para tratar da representação da intersecção de opressões na literatura, que é o objetivo central desta seção, buscou-se a formulação de Carla Akotirene acerca do conceito de

interseccionalidade, visto que, para a autora, “a interseccionalidade é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas” (Akotirene, 2019, p. 48). Nessa chave de leitura, a questão racial é interpelada por subsídios de classe e gênero, situando-se em um lugar de igualdade analítica, no qual se “mostra mulheres negras posicionadas em avenidas longe da cisgeneridade branca heteropatriarcal” (Akotirene, 2019, p. 30). Por isso, utilizar a interseccionalidade como prisma significa analisar de maneira integrada essas opressões estruturais, evitando hierarquizações entre elas.

No romance em estudo, essa discussão ganha sentido na voz de Ifemelu, que representa a figura da mulher negra e imigrante em um território que não “lhe pertence”. Sob o olhar da sociedade estadunidense, Ifemelu enfrenta processos de reestruturação, uma vez que, ao entrar em contato com a cultura e os padrões dos Estados Unidos, depara-se, pela primeira vez, com a noção social de “raça” e todas as desvantagens, preconceitos e discriminações a ela associados:

O único motivo pelo qual você diz que a raça nunca foi um problema é porque não queria que fosse. Nós todos queríamos que não fosse. Mas isso é uma mentira. Eu sou de um país onde a raça não é um problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos. Quando você é negro nos Estados Unidos e se apaixona por uma pessoa branca, a raça não importa quando vocês estão juntos sem mais ninguém por perto, porque então é só você e seu amor. Mas no minuto em que põe o pé na rua, a raça importa. Mas nós não falamos sobre isso (Adichie, 2017, p. 315).

Na Nigéria, não havia a necessidade de autodeclarar-se como uma mulher negra, porque, naquele contexto, isso não funcionava como demarcador de sua identidade. Por outro lado, nos Estados Unidos, Ifemelu passa a compreender que não é definida somente por quem ela é, mas também pela forma como os outros a enxergam e pelas relações de poder que moldam essa percepção. Esse processo impacta a maneira como Ifemelu é recebida socialmente e, conseqüentemente, afeta direta ou indiretamente, diversas esferas da sua vida.

Desse modo, junto à percepção de “si mesma como negra”, nasce também a necessidade de se reafirmar enquanto “negra não americana” (Adichie, 2017), que precisa “provar” ser capaz de ocupar espaços e resistir às imposições sociais e aos estereótipos que tentam restringi-la. No decorrer da sua tentativa de adaptação, tanto por meio dos relatos de sua vivência quanto pelas observações que faz sobre o mundo ao seu redor, é possível identificar que:

Existe uma hierarquia de raça nos Estados Unidos. Os brancos estão sempre no topo, especificamente os brancos, de família anglo-saxão e protestantes conhecidos como

WAPS, e os negros sempre estão no nível mais baixo, enquanto que está no meio depende da época e do lugar (Adichie, 2017, p. 201).

A esse respeito, bell hooks (2020, p. 93) explica que, durante a escravidão, as pessoas brancas construíram uma hierarquia social baseada em raça e sexo, na qual os homens brancos ocupavam o primeiro lugar, seguidos pelas mulheres brancas, os homens negros, e, por fim, pelas mulheres negras, situadas na posição mais inferior. De modo complementar, a hierarquia mencionada acima pode ser compreendida à luz da ‘metáfora do porão’⁷ cunhada pela pesquisadora estadunidense Kimberlé Crenshaw (1989), na qual os sujeitos socialmente desfavorecidos encontram-se empilhados em um porão, ocupando posições distintas conforme a quantidade e o tipo de opressões que os atravessam. Aqueles situados na base deparam-se com formas mais intensas e cumulativas de exclusão, enquanto os que estão mais próximos ao teto, enfrentam menos barreiras sociais para sair do porão, devido à singularidade de seu fardo e à sua posição privilegiada (Crenshaw, 1989).

À medida que essa analogia se aplica às mulheres negras, compreende-se que, enquanto elas não puderem afirmar que seriam tratadas de maneira diferente “se não fosse” por seu gênero ou raça, não lhes será permitido que elas subam pelo alçapão. Pelo contrário, continuarão sendo instruídas a esperar à margem, até que sejam absorvidas nas categorias hegemônicas. Isso se comprova também na narrativa, uma vez que, na maior parte do tempo, classe e raça não são processos dissociáveis, pois, “às vezes nos Estados Unidos, raça é classe” (Adichie, 2017, p. 182). Essa sobreposição resulta em um distanciamento quase absurdo entre os grupos sociais, já que,

No discurso público dos Estados Unidos muitas vezes "negros como um todo", são colocados na mesma categoria que brancos pobres. Não negros pobres e brancos pobres mas negros e brancos pobres, é uma coisa muito curiosa mesmo (Adichie, 2017, p. 182).

A partir dessa afirmação, observa-se como as pessoas negras já são previamente associadas à pobreza, isso porque, desde a colonização têm sido empurradas para posições subalternizadas (Barros, 2020). Todavia, observa-se que nos Estados Unidos essa subalternização é ainda mais intensificada e naturalizada nas relações sociais, visto que, mesmo

⁷ Texto original: Imagine a basement which contains all people who are disadvantaged on the basis of race, sex, class, sex ual preference, age and/or physical ability. These people are stacked-feet standing on shoulders-with those on the bottom being disadvantaged by the full array of factors, up to the very top, where the heads of all those disadvantaged by a singular factor brush up against the ceiling. Their ceiling is actually the floor above which only those who are not disadvantaged in any way reside. In efforts to correct some aspects of domination, those above the ceiling admit from the basement only those who can say that "but for" the ceiling, they too would be in the upper room.

diante de supostos “avanços” formais, a pessoa negra continua vinculada ao imaginário de marginalidade econômica. Ainda que essa expectativa seja rompida em alguns casos, sua ascensão é recebida com estranheza, como se fosse um acontecimento indevido ou improvável.

A título de exemplo, destacamos a reação de um limpador de carpetes que, ao ser recebido por Ifemelu na casa em que trabalhava como babá, ficou absorto ao supor, por um instante, que ela era a proprietária do imóvel. Contudo, ao perceber que se tratava de uma empregada como ele, “o rosto do homem relaxou no sorriso. [...] O universo mais uma vez era como deveria ser” (Adichie, 2017, p. 182). Para aquele homem, não importava quanto dinheiro

Ifemelu pudesse ter ou que tipo de vida levasse; segundo sua visão de mundo, ela não correspondia à imagem socialmente esperada de alguém que pudesse ocupar a posição de proprietária de uma casa como aquela. Em vista disso, compreende-se como a sociedade naturaliza a existência da hierarquia social que associa lugares e papéis a determinados grupos, de modo que a “ordem” social lhe pareça estável.

A partir dessas experiências, observa-se que a raça, que anteriormente não se colocava como um problema para Ifemelu, passa a adquirir relevância à medida que o racismo se impõe como barreira em sua vida. Nesse sentido, “falar sobre raça” deixa de ser apenas um posicionamento e transforma-se em uma estratégia de existência, pois, como afirma Djamila Ribeiro, “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir” (Ribeiro, 2017, p. 37). Em *Americanah*, a tomada de consciência racial da protagonista parte da violência cotidiana que enfrenta e, por isso, “falar para existir” torna-se fundamental para a contestação do racismo, pois que não faz sentido que práticas de exclusão sejam legitimadas pela aparência, pela cor da pele, pelos traços faciais ou pela espessura do cabelo:

"Meu cabelo cheio e incrível ia dar certo se eu estivesse fazendo entrevista para ser backing vocal numa banda de jazz, mas preciso parecer profissional nessa entrevista, e profissional quer dizer liso, mas se for encaracolado, que seja um cabelo encaracolado de gente branca, cachos suaves ou, na pior das hipóteses, cachinhos espirais, mas nunca crespo (Adichie, 2017, p. 222).

Retoma-se, novamente, a relação de Ifemelu com o seu cabelo, elemento recorrente ao longo da narrativa e apresentado como uma “metáfora de raça” (Adichie, 2017). Em países ocidentais, os brancos foram historicamente estabelecidos como o padrão da aparência profissional e, no caso do cabelo feminino, o parâmetro profissional atribuído é o cabelo alisado. Essa discriminação, para além de uma consequência do ódio racial, é, previamente, um método de controle social, já que, “o cabelo alisado está ligado histórica e atualmente a um sistema de

dominação racial que impõe às pessoas negras, e especialmente às mulheres negras, que não somos aceitáveis como somos, que não somos bonitas” (hooks, 1989, p. 5, tradução nossa⁸).

Até então, esta análise concentrou-se nas dificuldades enfrentadas por Ifemelu em decorrência das opressões de raça e classe. Todavia, como aponta Araújo (2017, p. 71), “é importante pensar também nas implicações de gênero que a própria existência de uma narrativa como *Americanah* traz à tona: uma narrativa de uma autora africana, pós-colonial e feminista”. Na narrativa, ao mesmo tempo em que Ifemelu tem seus lugares sociais definidos na sociedade por padrões fundamentados na matriz de opressão racial, ela é interpelada por “implicações de gênero” que dificultam ainda mais a sua existência. Essas se apresentam, inicialmente, na estereotipação e exotização que recaem sobre o seu corpo, como se observa no diálogo entre Ifemelu e sua amiga Ginika:

“Sabe que tem o tipo de corpo que eles gostam aqui, não é? [...] Você é magra e tem peito grande.” “Eu não sou magra. Sou esguia.” “Os americanos dizem magra. Aqui, ser magra é uma coisa boa” (Adichie, 2017, p. 135).

Esses estereótipos são indicadores de uma percepção redutora dirigida aos corpos das mulheres negras, a qual produz efeitos negativos sobre a forma como elas são tratadas socialmente. Em vista disso, bell hooks (2020, p. 103) afirma que “[...] a exploração sexual das mulheres negras continuou por muito tempo depois do fim do período da escravidão e foi institucionalizada por outras práticas opressivas”. Para pensar como essas “outras práticas opressivas” ocorrem, será analisada a frustração vivida por Ifemelu em sua tentativa de inserção no mercado de trabalho dos Estados Unidos.

Para tanto, é importante considerar que a divisão racial e sexual do trabalho, ao analisar como o trabalho se organiza em fatores raciais e de gênero, aponta que as oportunidades de trabalho são distribuídas de maneira desigual, e por isso, restringem de forma mais acentuada o acesso das mulheres negras ao mercado de trabalho. De modo semelhante, em *Americanah*, as oportunidades de emprego para Ifemelu são escassas nos primeiros anos vivendo no exterior. Conforme aponta a narrativa, Ifemelu participou de entrevistas para vagas de garçomete, hostess, bartender e caixa, mas permaneceu à espera de ofertas que nunca se concretizaram, o que a levou a atribuir a si mesma a responsabilidade pelo fracasso:

⁸ Texto original: straightened hair is linked historically and currently to a system of racial domination that impresses upon black people, and especially black women, that we are not acceptable as we are, that we are not beautiful.

[...] o que eu estou fazendo de errado? [...] Ifemelu escreveu e reescreveu o seu currículo várias vezes [...] e a cada entrevista dava sorrisos calorosos e apertos de mãos firmes, tudo o que era sugerido no livro que lera sobre como fazer entrevistas de emprego nos Estados Unidos. Mas não surgia nem um emprego. Seria seu sotaque estrangeiro? Sua falta de experiência? [...] (Adichie, 2017, p. 159).

Nesse período, Ifemelu encontrava-se em uma situação de extrema precariedade, dividindo apartamento com pessoas que não conhecia e sem recursos financeiros suficientes para garantir sua subsistência. Diante da espera prolongada por oportunidades de emprego e da necessidade urgente de obter algum tipo de renda, a personagem acaba aceitando uma oferta de emprego de natureza duvidosa, anunciada como uma vaga de “assistente pessoal mulher para professor de esportes ocupado de Ardmore” (Adichie, 2017, p. 157). A situação torna-se constrangedora quando Ifemelu descobre que o trabalho consistia, na verdade, na prestação de ‘massagens’ de caráter sexualizado ao empregador. Tomada pela insegurança diante da situação em que se vê envolvida, Ifemelu exclama:

“Não vou conseguir” “Não vou conseguir fazer sexo”, disse ela. Sua voz pareceu aguda, insegura. “Não vou conseguir fazer sexo com você”, repetiu. “Ah, não. Eu não espero que faça”, disse o homem depressa demais. Ifemelu caminhou devagar na direção da porta, conjecturando se estaria trancada, se ele a trancara, e então imaginando se ele tinha uma arma. “Venha para cá e se deite”, disse ele. “Venha me esquentar. Vou tocar um pouco você, mas não vai ser nada que te deixe constrangida. Só preciso de um pouco de contato humano para relaxar” (Adichie, 2017, p. 168).

Apesar da sua recusa interna ser notória, a necessidade se sobrepôs à insegurança, e Ifemelu acabou por ceder ao pedido do professor de tênis. A cena, embora sórdida, espelha a objetificação das mulheres negras como um mecanismo que atua na permanência de uma exploração racial e de gênero. No diálogo supracitado, isso é representado por meio de sentimentos como desconforto, medo e insegurança mediante a possibilidade latente de violência física e psicológica. Considerando que o episódio ocorre em um momento de vulnerabilidade extrema da personagem, observa-se como a precariedade econômica pode ser intensificada pelas implicações de gênero, uma vez que expõe a mulher a situações de exploração e repressão que comprometem a sua integridade.

Além disso, é importante salientar que, quando o professor de tênis tenta redefinir aquele contato físico como “necessário para relaxar”, há uma tentativa intencional de mobilizar um discurso para minimizar a gravidade da situação e, conseqüentemente, passar a responsabilidade para a própria vítima, que agora, “sente-se derrotada” por permitir que invadissem seus limites corporais e emocionais. Logo, além de vivenciar a violência, Ifemelu passou a culpar-se por ela: “enroscou-se na cama e chorou, desejando poder colocar sua mão

dentro de si mesma e arrancar as lembranças do que tinha acabado de acontecer” (Adichie, 2017, p. 169).

Com o passar dos dias, essa culpabilização internalizada desencadeia uma crise existencial tão profunda que resulta em um isolamento progressivo da personagem. Ifemelu deixa de atender telefonemas, não responde mais aos e-mails de Obinze e já não frequentava mais às aulas. Seus dias tornam-se imóveis e silenciosos, enquanto ela passa a habitar o abismo entre o que sentia e o que deveria sentir. Diante disso, cabe questionar as estruturas sociais que tornam possíveis tais conjunturas, pois, como nos lembra Ribeiro (2019), é fundamental refutar a visão colonial que enxerga os corpos negros como violáveis e permanentemente disponíveis à exploração.

Assim, ao questionar tais conjunturas, evidencia-se que o que Adichie constrói no campo da ficção não se distancia da realidade, pois encontra respaldo em processos históricos concretos, como exemplifica Akotirene (2019, p. 63-64):

[...] nos Estados Unidos até a década de 1960, não se contratava mulheres negras e, quando passou a fazê-lo na década seguinte, manteve a discriminação de raça e gênero prescrita às demissões compulsórias e restrições para admissão baseadas na altura e no peso corporal de funcionários. Em 1976, a trabalhadora Emma DeGrannenreid e várias mulheres negras processaram a General Motors por discriminação de raça e gênero, pois os homens negros trabalhavam na linha de montagem e as mulheres brancas nos serviços de secretariado. Para a Corte, tradicionalmente masculina e branca, é muito difícil compreender a identidade interseccional e criminalizar o racismo e o sexismo institucionalizados contra as mulheres negras sem enveredar pelos mesmos expedientes que as levaram a recorrer às leis de antidiscriminação, senão desmarginalizar raça e gênero.

Nesse panorama, observa-se que o mercado de trabalho e o próprio Judiciário reproduzem a segregação racial e de gênero, ao restringirem o acesso de mulheres negras a determinados espaços. O caso de *Emma DeGrannenreid* mostra uma racionalidade institucional incapaz de reconhecer pessoas que escapam às categorias dominantes. Este é um exemplo de uma realidade social que só poderia ser compreendida à luz da interseccionalidade, pois os efeitos da discriminação se manifestam de maneira diferenciada conforme as opressões que marcam cada sujeito.

Um espelho dessa percepção é o contraste existente entre as experiências vividas por Ifemelu e por Obinze, personagens com trajetórias inicialmente parelhas, mas que se contrastam em determinado momento, representando o que hooks (2020) aponta ao afirmar que, se o racismo decretou a escravização das pessoas negras, foi o sexismo que determinou que o destino da mulher negra fosse mais pesado e brutal do que o do homem negro escravizado.

Ifemelu, enquanto mulher negra e imigrante, enfrenta dificuldades no acesso ao mercado de trabalho, mas também vivencia situações que ultrapassam as barreiras econômicas e mostra o impacto do sexismo. Além das recusas constantes em processos seletivos, a personagem é exposta a experiências de objetificação, como quando foi “a um posto de gasolina na *Chestnut Street* e um mexicano grandalhão dissera, com os olhos fixos em seus seios. ‘Você veio por causa da vaga de vendedora? Pode trabalhar para mim de outro jeito?’” (Adichie, 2017, p. 159). Isso mostra que, muitas vezes, o corpo da mulher é visto como “recurso explorável”, tendo o seu valor reduzido à sua aparência física em detrimento de suas competências e qualificações.

Em contraponto, Obinze, também negro e imigrante, não enfrenta os mesmos desafios relacionados ao gênero. Apesar de enfrentar dificuldades para conseguir trabalho na Inglaterra e precisar recorrer a subempregos e até mesmo a um casamento arranjado para obter documentação, dentro da obra, sua posição enquanto homem lhe confere um tipo de privilégio dentro da estrutura de opressão racial, o que lhe permite circular em espaços nos quais sua masculinidade não é convertida em objeto de controle ou exploração sexual. Para aprofundar a discussão, apresenta-se o questionamento feito por Xavier e Xavier Filho (2021, p. 277): “caso Ifemelu não fosse uma mulher, imigrante e negra, precisaria se subordinar a um emprego torturante e humilhante?”.

Em vista dos aspectos mencionados, o que esse tópico busca evidenciar a partir da análise do romance, é que a mulher negra recebeu do racismo e do sexismo identidades que ainda permeiam as sociedades contemporâneas. Como observado até aqui, a mulher negra tem sido submetida a um processo de negação e apagamento social desde o período escravocrata. Sua existência é marcada por diversas opressões e violências, responsáveis por aprisionar essas mulheres em identidades, espaços e posições sociais de não escolha e marginalização. Trata-se de uma condição de existência que afeta todo o seu percurso de vida, seja na vida pública, nas posições de poder, no mercado de trabalho, nas artes, na literatura, na academia, na maternidade, entre outros. Em todos esses espaços sociais nos quais a mulher negra transita, as mais diversas opressões se interseccionam com raça e gênero, produzindo uma asfixia social sobre ela.

4.3 O *BLOG* COMO ESCRITA DE SI: GÊNERO CONFSSIONAL

No livro *Quem tem medo do feminismo negro?* Djamila Ribeiro afirma que “como negra, não quer mais ser objeto de estudo, e sim o sujeito da pesquisa” (Ribeiro, 2018, p. 55).

Com essa afirmação, a autora critica a histórica redução das mulheres negras a meros objetos de estudo, em um contexto no qual não lhes são garantidos espaços para produção de conhecimento sobre si mesmas e suas vivências. Nesse sentido, para assumir-se como sujeito da pesquisa é necessário reivindicar a própria narrativa, deslocando o olhar que antes vinha de fora para um discurso produzido a partir da própria experiência. Nas literaturas negras de autoria feminina, esse espaço é reivindicado através do protagonismo da escrita, da afirmação do lugar de fala e da centralidade da primeira pessoa do discurso, processo que também pode ser realizado no ato de escrever sobre si.

Para entender como essa reivindicação pode acontecer nas escritas de si, considera-se relevante analisar o surgimento do *blog* na trajetória de Ifemelu. Ao longo de sua vivência nos Estados Unidos, a personagem passa a refletir sobre a identidade e a representação do corpo negro. Essas inquietações encontram na escrita uma possibilidade de expressão quando Ifemelu escreve um e-mail a uma amiga, relatando o incômodo diante dos anúncios de maquiagem que via em revistas, nos quais não se reconhecia. Nesse e-mail, a personagem problematiza questões centrais deste trabalho, especialmente no que se refere à ausência de representatividade e à construção de padrões e estereótipos.

Percebendo a potencialidade do discurso presente nesse e-mail, a amiga de Ifemelu a incentiva a torná-lo público: “tudo isso é tão cru e verdadeiro. Mais pessoas deveriam ler. Você devia fazer um *blog*” (Adichie, 2017, p. 320). Com isso, ainda que os *blogs* fossem um meio relativamente novo para Ifemelu, a escrita lhe era familiar e a fez refletir sobre quantas outras pessoas poderiam se identificar com o conteúdo ao lê-lo:

Quantas outras pessoas escolhiam o silêncio? Quantas tinham se tornado negras nos Estados Unidos? Quantas sentiam que seu mundo era envolto de gaze? Ifemelu terminou com Curt algumas semanas depois, fez um cadastro no WordPress e criou seu *blog* (Adichie, 2017, p. 320).

No exercício da reflexão, Ifemelu decide não escolher o silêncio, optando por construir, por meio do *blog* que nomeou como *Raceteenth*⁹, ou *Observações diversas sobre negros americanos feitas por uma negra não americana*, um espaço de afirmação e de construção de

⁹ O título do *blog* sugere um jogo entre as palavras “*Race*” e “*-teenth*” que remete a datas comemorativas como o Juneteenth (19 de junho), importante para a comunidade negra, em que se celebra a emancipação dos sujeitos escravizados nos Estados Unidos, evocando a questão racial supostamente ‘resolvida’ pela abolição e o racismo estrutural da vida social no país, tudo isso sob o olhar estrangeiro de Ifemelu, uma mulher nigeriana que só se descobre negra ao chegar em outro país. Dessa forma, ao mesmo tempo em que o *blog* é uma espécie de diário pessoal e íntimo da protagonista, ele também pode ser lido como um dispositivo narrativo que permite a inserção de outros gêneros no romance, entrelaçando experiência vivida, ficção e comentário social sobre a experiência racial na diáspora na medida em que transforma o tema em matéria narrativa e crítica, aproximando literatura e crítica social.

sentido. Nesse ambiente, a experiência individual da personagem é o ponto de partida para uma leitura mais ampla da realidade social, pois suas postagens se fundamentam em reflexões críticas que partem das dinâmicas raciais que vivencia e observa nos Estados Unidos.

De acordo com Prange (2003), a escrita de si pode ter três destinos: o consumo do próprio autor; o compartilhamento com pessoas íntimas, como é o exemplo das cartas; e a circulação pública, como ocorre nas memórias e autobiografias. Nesse sentido, o *blog* é uma escrita de si que pode ter mais de um destino: o exercício reflexivo daquele que o escreve e o compartilhamento com o público, que pode partilhar dessas reflexões. A partir desse pressuposto, é possível compreender como o *blog Raceteenth* articula, de modo simultâneo, o lado íntimo da experiência vivida e a publicização dessa experiência, abrindo-se ao diálogo com um coletivo de leitores. Esse é o destino escolhido por Ifemelu para sua escrita: fazer com que sua voz seja ouvida e suas experiências compreendidas ou até mesmo que sejam questionadas. Assim, Ifemelu “escreve-se” na diáspora e, por meio da escrita de si, discorre sobre imigração, identidade e raça, como se observa no excerto a seguir:

Para outros Negros Não Americanos: Nos Estados Unidos você é negro, baby

Querido negro não americano, quando você escolhe vir para os Estados Unidos, vira negro [...] É daí que você não era negro no seu país? Está nos Estados Unidos agora. Nós todos temos nosso momento de iniciação na Sociedade dos Ex-Crioulos. O meu foi numa aula da faculdade, quando me pediram pra dar a visão negra de algo, só que eu não tinha ideia do que aquilo significava (Adichie, 2017, p. 239).

De acordo com Santos (2003, p. 532), os *blogs* possibilitam “uma nova forma de organizar a escrita de si para si e para os outros”. Em seu *blog*, Ifemelu organiza sua escrita por meio de estratégias discursivas que propiciam a aproximação com o leitor, como o uso dos vocativos “*baby*” ou “querido”, recurso que pode tanto produzir efeito de proximidade quanto assumir um tom irônico. Destaca-se, ainda, que a ironia é uma estratégia recorrente nas publicações do *blog* de Ifemelu, conforme demonstrado no seguinte post:

Ofertas de emprego nos Estados Unidos - A principal maneira nacional de decidir “quem é racista”

Nos Estados Unidos, o racismo existe, mas os racistas desapareceram. Os racistas pertencem ao passado [...] se você nunca linchou alguém, não pode ser chamado de racista. Se não for um monstro sugador de sangue, não pode ser chamado de racista. Alguém tem de poder dizer que racistas não são monstros. São pessoas com famílias que as amam, pessoas normais que pagam impostos. Alguém tem de ter a função de decidir quem é racista e quem não é. Ou talvez esteja na hora de esquecer a palavra “racista”. Encontrar uma nova. Como Síndrome do Distúrbio Racial. E podemos ter categorias diferentes para quem sofre dessa síndrome: leve, mediana e aguda (Adichie, 2017, p. 341).

Considerando que a escrita de si pode ser compreendida como o registro de movimentos interiores, pensamentos, desejos e ações daquele que escreve (Foucault, 1992), o *post* supracitado registra três dimensões centrais: 1) um movimento interior caracterizado pela indignação; 2) um pensamento irônico como resposta à visibilidade do racismo e à tentativa de sua negação no contexto social; 3) e, por fim, o desejo de provocar conscientização dos leitores, instigando-os a reconhecer e refletir sobre essa problemática.

Ademais, a confessionalidade que direciona o *blog* leva Ifemelu a revisitar o passado e reconstruir sua trajetória a partir da memória. Alguns de seus relatos abrem espaços de ressignificação, nos quais sentimentos, decisões e aprendizados são reavaliados sob um olhar mais maduro e crítico. Não obstante, essa dinâmica entre experiência e reflexão faz com que a narrativa transcenda o individual, pois há um público que certamente se identifica, reflete e se enxerga nas publicações de Ifemelu, assim como acontece com o leitor de *Americanah*.

Como afirma Santos (2003, p. 532), “a partir dos *blogs*, verdadeiras comunidades vão se formando, pois crenças, visões de mundo e valores parecidos vão sendo compartilhados, contribuindo assim para o processo de construção das identidades de seus autores”. De modo semelhante, a escrita afiada de Adichie, reproduzida nos posts de Ifemelu, trilha um caminho para que outras pessoas se reconheçam. A título de exemplo, destaca-se um post que retrata a representação das mulheres negras na mídia:

Por que as mulheres negras de pele escura – tanto americanas quanto não americanas – amam Barack Obama

Na cultura pop americana, as mulheres bonitas de pele escura são invisíveis [...] Nos filmes, as mulheres de pele escura fazem o papel da empregada gorda e maternal, ou da amiga da protagonista, que é forte, desbocada e às vezes assustadora, e que está sempre ali para dar um apoio. Elas falam coisas sábias e têm atitude, enquanto a mulher branca encontra um grande amor. Mas elas nunca podem fazer o papel da mulher gostosa, linda e desejada por todos. Então, as mulheres de pele escura esperam que Obama mude isso (Adichie, 2017, p. 233).

A reflexão trazida por Ifemelu ressoa em outras pessoas, especialmente naquelas que cresceram consumindo conteúdos nos quais não se veem representadas de maneira positiva. Para muitas mulheres negras, essa realidade apresenta-se desde a infância, quando percebem que as referências midiáticas de beleza não incluem seus traços, seus corpos e suas histórias, fato que se entrelaça com outra questão importante, que é a simbologia do cabelo afro:

Um agradecimento público a Michelle Obama e o cabelo como metáfora da raça

A Amiga Branca e eu somos fãs de Michelle Obama. Por isso, outro dia, eu disse a ela: “Será que Michelle Obama pôs mega-hair? O cabelo dela está mais cheio hoje e fazer escova todos os dias deve danificá-lo”. E ela disse: “Quer dizer que o cabelo dela não é daquele jeito naturalmente?”. Só eu que acho que, ou isso aí é a metáfora perfeita para raça nos Estados Unidos? Cabelo. [...] Eu tenho cabelo crespo natural. Que uso em afros, traços, trança de raiz. Não, não é uma coisa política. Não, eu não sou artista plástica, poeta ou cantora. Também não sou natureba. Só não quero relaxar o cabelo - já estou em contato com muitas outras substâncias tóxicas (Adichie, 2017, p. 322).

A relação de Ifemelu com seu cabelo é algo que permeia toda a narrativa e pode ser lida como fio condutor do romance, pois a obra se inicia em um salão de tranças nos Estados Unidos, e essa cena funciona como ponto de ancoragem da narrativa. A partir desse espaço, o texto se desloca para diferentes momentos da história de Ifemelu e de Obinze e, ao longo do romance, a narrativa retorna reiteradamente ao salão, de modo que o tempo da ação se dilata, enquanto muitas outras experiências são contadas. Como discutido nos tópicos anteriores, Ifemelu alisa o cabelo para se encaixar aos padrões e se inserir no mercado de trabalho; porém, esse processo não se encerra na conformidade, mas sim quando ela encontra a liberdade que a direciona à aceitação do seu cabelo natural:

Num dia comum do início da primavera - não havia nenhuma luz especial, nada de significante aconteceu, e talvez fosse apenas porque o tempo havia transfigurado suas dúvidas, como muitas vezes acontece -, ela enfiou os dedos em seu cabelo, denso, esponjoso e glorioso, e não conseguiu imaginá-lo de outro jeito. Ifemelu simplesmente se apaixonou por seu cabelo (Adichie, 2017, p. 232).

Os fios crespos criam ondulações sutis em um fluxo próprio e moldam-se de acordo com a liberdade que lhes é dada. Navegando nesse mesmo fluxo, Ifemelu amadurece e “molda” sua personalidade a partir da libertação que consegue por meio de seus posts. Consequentemente, conquista a reconciliação com sua identidade ao aceitar a textura natural de seu cabelo, gesto que representa um retorno a si mesma e mais uma volta no resgate de uma beleza que sempre existiu, mas que por vezes foi colocada em posição de dúvida.

Desse modo, a escolha de assumir, cuidar e falar do seu cabelo natural inspira outras pessoas que passaram a se ver representadas no *blog*. A escrita de si, então, passa a ser uma troca de experiências:

ZoraNeale22, que está voltando ao cabelo natural agora, me pediu para postar como cuido do meu. Tem mais alguma negra americana ou não americana por aí que usa o cabelo natural e quer contar como cuidar dele? (Adichie, 2017, p. 322-323).

Assim como os cachos do seu cabelo, seus leitores também cresceram. O *blog* passou a ser reconhecido publicamente e Ifemelu, gradualmente, foi sendo convidada para participar de mesas-redondas e debates em emissoras de rádio, sendo identificada simplesmente como “blogueira”. A proporção que o *blog* tomou despertou nela sentimentos ambíguos, ora relacionados ao prazer do reconhecimento, ora à perplexidade diante da exposição. Em determinado momento, Ifemelu sentiu-se consumida pela escrita, percebendo que “se tornara seu *blog*” (Adichie, 2017, p. 332). Nesse sentido, essa junção do eu à escrita se sustenta no entendimento de que é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito (Arfuch, 2010).

Portanto, escrever sobre si proporcionou a Ifemelu reconhecimento, autonomia e a independência financeira que buscava, mas foi por meio da escrita que ela encontrou um espaço de pertencimento. Isso nos mostra o caráter formativo que a escrita pode ter, já que, como afirma Santana (2025), a escrita de si é uma das formas pelas quais os sujeitos se formam, se compreendem e se transformam.

Entretanto, quando se analisa o momento do retorno de Ifemelu à Nigéria, fica evidente que a sua busca por pertencimento não se encerra na experiência da diáspora, mas continua quando chega em seu país de origem. Na Nigéria, a personagem cria outro *blog*, intitulado *As Pequenas Redenções de Lagos*, no qual opta por não tratar mais das questões raciais, pois como ela afirma, “falar sobre questões raciais não funciona bem aqui. Quando saí do avião em Lagos, me senti como se tivesse deixado de ser negra” (Adichie, 2017, p. 511). Assim, seu novo espaço de escrita volta-se para observações sobre a vida cotidiana na Nigéria, e a partir disso, possibilita um reencontro com Lagos, sua cidade natal.

Dentre os textos publicados no novo *blog*, destaca-se um post em que Ifemelu faz uma crítica sobre o modo como Lagos é comparada a cidades do exterior. No texto, a personagem problematiza a postura das pessoas que emigraram para o exterior e que, ao retornarem à Nigéria, passam a observar o país com um olhar superior, que menospreza as características e a cultura do local. É relevante observar que, ao desenvolver essa crítica, Ifemelu inclui a si mesma, já que também reproduziu esse comportamento após seu retorno dos Estados Unidos:

Lagos nunca foi, nunca será e nunca quis ser como Nova York ou qualquer outra cidade. Lagos sempre foi indiscutivelmente ela mesma, mas você não concluiria isso na reunião do Clube Nigerpolita, um grupo de jovens que voltaram do exterior e que se encontram toda semana para reclamar das muitas diferenças entre Lagos e Nova York, como se Lagos algum dia tivesse chegado perto de ser como Nova York. Pra falar a verdade: eu sou um deles [...] Passamos o tempo todo reclamando da Nigéria e embora nossas reclamações sejam legítimas, eu imagino como alguém de fora dizendo: voltem para o lugar de onde vieram! Se seu cozinheiro não sabe fazer o

panini perfeito, não é porque é burro. É porque a Nigéria não é uma nação de pessoas que comem sanduíches, e o último Oga dele não comia pão à tarde. Então, ele precisa de treinamento e prática. E a Nigéria não é uma nação de pessoas com alergia a comida, não é uma nação de pessoas cheias de manias para quem a comida tem a ver com distinções e separações. É uma nação de pessoas que comem carne, frango, pele e bucho de vaca e peixe na mesma sopa, e que chamam isso de sopa de sortidos, por isso parem de frescura e entendam que a vida aqui é assim: sortida (Adichie, 2017, p. 453- 454).

Se a experiência de viver no exterior transforma a perspectiva de quem imigra, Ifemelu é exemplo disso. Muitos retornantes se sentem estrangeiros em casa e precisam reconstruir relações sociais e sua identidade ao lidar com essa diferença entre o “antes” e o “depois” da migração. Nesse excerto, percebe-se que Ifemelu reconhece sua própria implicação nesse processo e transforma a crítica em um exercício de autoconfronto.

Em Lagos, Ifemelu escreveu sobre o cotidiano que a cercava, o governo, o que via da janela do seu quarto, as pessoas que falavam na rádio com sotaques forçados e engraçados, e sobre muitas outras coisas que a fizeram se reencontrar consigo mesma e com Lagos. Logo, quando consegue compreender novamente o seu lugar, ela alcança um estado de apaziguamento, no qual se sente em paz por “estar em casa, escrevendo seu *blog*, por ter descoberto Lagos de novo. Finalmente, havia se engendrado num ser completo” (Adichie, 2017, p. 511).

Os textos de Ifemelu, de modo geral, são carregados de críticas ao sistema racista. Ela encontrou, na escrita de si, esse espaço de reivindicação e de despertar da consciência e da identidade negra. Se retomado o conceito de *parrésia* tal como descrito por Foucault (1992), é possível perceber que a prática discursiva de Ifemelu representa justamente essa essência: a coragem de dizer a verdade, mesmo quando esta implica riscos. Com isso, a escrita de Ifemelu realiza aquilo que Santana (2025) define como uma prática ética e política de resistência e afirmação.

Ademais, a dimensão dessa escrita que não se encerra em si mesma, para além de questionar estruturas de poder, pode inspirar outras formas de enunciação, seja em um *blog*, em um romance, em uma monografia ou em qualquer outro espaço que permita fazer ecoar a própria voz e mostrá-la ao mundo. Como lembra Conceição Evaristo, “escrever pode ser uma espécie de vingança [...] talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. [...] é a senha pela qual [*o povo negro, pode*] acessar o mundo” (Evaristo, 2003. p. 2).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho trilhou pela existência da mulher negra no contexto da diáspora para compreender de que modo a intersecção de opressões afeta sua construção identitária. A partir de uma leitura ancorada na crítica pós-colonial, no feminismo negro e no conceito de interseccionalidade, a investigação buscou analisar, para além da construção identitária na imigração, o papel da escrita de si nesse processo de auto representação e crítica social. Para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e analítico, fundamentada na crítica pós-colonial.

Na análise da obra, realizou-se a leitura interpretativa de *Americanah*, com foco na trajetória de Ifemelu e na forma como a imigração é narrada. Partiu-se do pressuposto de que *Americanah* é um romance que rompe um silêncio imposto por séculos e que narra, por meio da personagem Ifemelu e do seu *blog Raceteenth*, os diversos “lados” da história, construindo espaços para a mulher existir, ouvir, escrever e narrar culturas, histórias e lugares, bem como para explicitar as marcas do domínio colonial que ainda se fazem presentes na sociedade. Tal pressuposto confirmou-se ao longo da análise, na medida em que o romance expõe a forma como o racismo e o sexismo estruturam as relações sociais e redefinem a forma como Ifemelu percebe a si mesma e o mundo ao seu redor, tornando visível o caráter fragmentado e processual da identidade cultural, tal como posto por Hall (2003).

Além disso, quando analisa-se a construção da identidade imigrante, observou-se que a imigração em *Americanah* é uma experiência repleta de conflitos, e que a vivência na diáspora pode expor o sujeito a processos de exclusão que atuam de forma interseccional, nos quais raça, gênero e classe se unem para produzir desigualdades específicas. O contraste entre as experiências de Ifemelu e Obinze fornece subsídios para a compreensão das diferenças entre os desafios impostos pelo gênero. Nesse processo, observa-se que a mulher é quem mais se vê enredada, uma vez que o patriarcado lhe atribui responsabilidades e impõe a experiência da imigração de modo violento.

Ainda no capítulo de análise, a compreensão do *blog Raceteenth* enquanto uma forma contemporânea de escrita de si mostrou a presença de um gesto de resistência frente às

estruturas racistas e excludentes. No decorrer do processo de escrita, os posts de Ifemelu tornam-se discursos críticos, sendo um meio pelo qual a mulher negra ganha voz para narrar a si. Nesse sentido, o que Chimamanda traz como ressalva é a importância de olhar a história de outras perspectivas que não a hegemônica. Que as histórias, quando contadas por quem vivenciou, podem ser muito mais do que únicas, e, quando contadas por uma mulher negra, são capazes de expor as opressões que, de forma interseccional, impactam a construção de sua identidade. Desse modo, o que a presença do *blog Raceteenth* imprime em nossas percepções é que as mulheres negras, ao narrarem a si, podem deslocar-se da condição de objeto para a de sujeito da narrativa.

Apesar dos resultados alcançados nesta análise de *Americanah*, ainda há outras questões passíveis de investigação. A partir desta pesquisa, abrem-se caminhos possíveis, como a análise dos pontos de convergência entre a vida da personagem principal do romance e da sua autora, Chimamanda Adichie, a fim de verificar se, em alguma medida, a obra pode ser lida como um romance autoficcional.

Mais do que a análise de uma obra específica, este trabalho aponta para a necessidade de ampliar o olhar sobre produções literárias que oferecem perspectivas plurais sobre a experiência negra na diáspora. Desse modo, contribui-se para a construção de um debate mais representativo no campo dos estudos literários, reconhecendo que tais narrativas apesar de não oferecerem verdades absolutas, abrem caminhos para o diálogo e a reflexão crítica sobre temáticas extremamente relevantes.

Em vista disso, enfatiza-se que *Americanah* dá forma narrativa àquilo que o colonialismo tentou silenciar: culturas, experiências e histórias que foram relegadas à margem da representação. A obra de Adichie, além de narrar essas marcas, as reescreve a partir de um ponto de vista que restitui protagonismo àqueles lançados à invisibilidade. Concluímos, refletindo que, se a imigração é, muitas vezes, uma experiência de apagamento e desidentificação, Adichie, em *Americanah*, transforma esse processo em potência narrativa, provando que deslocar-se também pode significar reescrever-se.

REFERÊNCIAS

ACHEBE, Chinua. Home and exile. Oxford: Oxford University Press, 2000.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. About. Disponível em: <https://www.chimamanda.com/about/>. Acesso em: 22 ago. 2025.

_____. Cancel culture? We should stop it. End of story: Chimamanda Ngozi Adichie sobre críticas, bloqueio criativo e seus novos filhos gêmeos. The Guardian, 15 fev. 2025.

Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2025/feb/15/cancel-culture-we-should-stop-it-end-of-story-chimamanda-ngozi-adichie-on-backlash-writers-block-and-her-two-new-babies>. Acesso em: 26 ago. 2025.

_____. Meio Sol Amarelo. Tradução de Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. ISBN 978-85-3592-924-9.

_____. O perigo de uma história única. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. The danger of a single story. [S. l.]: TEDGlobal, 2009. 1 vídeo (18 min). Publicado pelo canal TED. Disponível em: <https://youtu.be/D9Ihs241zeg?si=K8hzOT2IMpAqdx-C>. Acesso em: 26 ago. 2025.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. Feminismos plurais. São Paulo: Pólen, 2019.

APPIAH, Kwame Anthony. Is the post- in postmodernism the post- in postcolonial?: Critical Inquiry, Chicago, The University of Chicago Press, v. 17, n. 2, Winter, 1991, p. 336-357. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1343840>>. Acesso em: 13 set. 2025.

ARAÚJO, Paulo G. Trato desfeito: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira. 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

ARAÚJO, Eliza de Souza Silva. Traçando histórias, tecendo trajetórias: a consciência histórica em Americanah. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Paraíba (UFPB/CCHLA), 2017.

ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea; tradução de Paloma Vida. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. 370 p.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen (org.) The empire writes back: theory and practice in post-colonial literatures. Oxfordshire: Taylor & Francis Group e Library, 2004.

AZEVEDO, L. A. Blogs: escrita de si na rede dos textos. In: X ENCONTRO REGIONAL DA ABRALIC “Sentidos dos lugares”, 2005. Rio de Janeiro, 2005. p. 88-91.

BARROS, Valécio Irineu. Do caso histórico à aurora narrativa: mobilidade e construção identitária no romance meio sol amarelo de Chimamanda Ngozi Adichie. 2021, 148 p. Tese (Doutorado Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, Campina Grande, 2021. Disponível em: <https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/tede/3972/6/Tese%20de%20Doutorado%20-%20Val%c3%a9cio%20Irineu%20Barros.pdf>. Acesso em: 12 set. 2025.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 15-24, jan./abr. 2026. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/wKkj6xkzPZHGcFCf8K4BqCr/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 17 nov. 2025.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BHABHA, Homi K. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994.

BRAGA, Cláudio R. V. *A literatura movente de Chimamanda Adichie: pós colonialidade, descolonização cultural e diáspora*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.

BRITANNICA, J.E. Chimamanda Ngozi Adichie. *Enciclopédia Britânica*. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Chimamanda-Ngozi-Adichie>. Acesso em: 22 ago. 2025.

CHUKU, Gloria. *Igbo women and economic transformation in southeastern Nigeria, 1900-1960*. New York: Routledge, 2005. (African Studies: History, Politics, Economy and Culture). ISBN 978-0-203-95844-5.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, Chicago, n. 1, p. 139-167, 1989.

DE BARROS, Leonardo Patrício. A subalternização do negro brasileiro: reflexões gerais acerca das políticas do estado brasileiro na república velha (1889–1930) e no estado novo (1937–1946). *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 12, n. Ed. Especi, p. 666-693, 2020.

DOS SANTOS, Claudia Puntel Pereira. Blogs: um novo modo de escrita de si. *Revista Contrapontos*, v. 3, n. 3, p. 529-533, 2003.

DE AZEVEDO, Luciene Almeida. Autoficção e literatura contemporânea. *Revista brasileira de literatura comparada*, v. 10, n. 12, p. 31-50, 2008.

EMECHETA, Buchi. *As Alegrias da Maternidade*. Tradução de Heloísa Jahn. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

ENWO-IREM, Immaculata Nnenna. Women and economic development in Ehugbo society, 1900-1960. *Global Journal of Arts, Humanities and Social Sciences*, v. 6, n. 6, p. 1-11, 2018.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: Uma Escre (Vivência) de dupla face. I Seminário Internacional Mulher e Literatura/ UFPB – 2003.

FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M. *A History of Nigeria*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

FIGUEIREDO, Angela; GOMES, Patrícia Godinho. Para além dos feminismos: uma experiência comparada entre Guiné-Bissau e Brasil. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 909–927, set./dez. 2016. DOI: 10.1590/1806-9584-2016v24n3p909.

- FOUCAULT, M. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. O que é um autor? Lisboa: Veja, 1992.
- FUKS, Julián. A resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Organização de Liv Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003. 102 p.
- HOOKS, bell. Straightening our hair. In: HOOKS, bell. Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black. Boston: South end press. 1989.
- HOOKS, Bell. E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e Feminismo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.
- AMADIUME, Ifi. Male daughters, female husbands: gender and sex in an African society. London: Zed Books, 1987. 223 p. ISBN 0862325951.
- JEYIFO, Biodun. For Chinua Achebe: the resilience of Obierika. In: PETERSEN, Kirsten Holst; RUTHERFORD, Anna (eds.). Chinua Achebe: a celebration. Oxford: Heinemann, 1991, p. 51-70.
- MARTINS, Catarina. Mulheres, Raça e Etnicidades: Introdução aos Feminismos Decoloniais. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2024.
- NWAPA, Flora. Efurú. Tradução de Tom Jones. Apresentação de Tathiana Cassiano. São Paulo: Editora Moinhos, 2023.
- OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: HOLLANDA, H. B. Pensamentos feministas hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 94-105.
- Prange, A. P. Da literatura aos blogs: um passeio pelo território da escrita de si. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2003.
- PEREIRA, Kleyton Ricardo Wanderley; BARROS, Juliana de Carvalho. Os desafios de ser mulher no romance Fique comigo, de Ayòbámi Adébéyò: uma leitura pós-colonial da Nigéria. RE-UNIR-Revista do Centro de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Rondônia, v. 11, n. 2, p. 154-168, 2024.
- RAMOS, Celiomar Porfírio et al. Apresentação: Escritas de mulheres africanas e afrodiáspóricas no cenário da literatura contemporânea. RE-UNIR-Revista do Centro de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Rondônia, v. 11, n. 2, 2024.
- RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais).
- RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, 135 p.

RODRIGUES, Ângela Lamas. A língua inglesa na África: opressão, negociação, resistência. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo, SP: Editora Fap-Unifesp, 2011.

RADHAKRISHNAN, Rajagopalan. Diasporic mediations: between home and location. Minneapolis: UP of Minnesota Press, 1996.

SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SAID, Edward. The world, the text, and the critic Cambridge, Harvard University Press, 1983.

_____. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. Revista Travessia Especial, ano XIII, n. especial, jan. 2000.

SANTANA, Bianca. Bordar o vivido: a escrita de si de mulheres negras como memória e resistência ao racismo. In: AGUERRE, Gabriela; TIMERMAN, Natalia (org.). Eu escrevo: dilemas das escritas de si. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2025. p. 75-81.

SANTOS, J. S. Blogs: um novo modo de escrita de si. Revista de Comunicação[S. l.], v. 2, n. 1, p. 532, 2003.

XAVIER, Fabiana de Souza Santos; XAVIER FILHO, José Luiz. A intersecção entre raça e feminismo negro na obra Americanah de Chimamanda Adichie. Revista Historiar, v. 13, n. 25, p. 269-285, 2021.